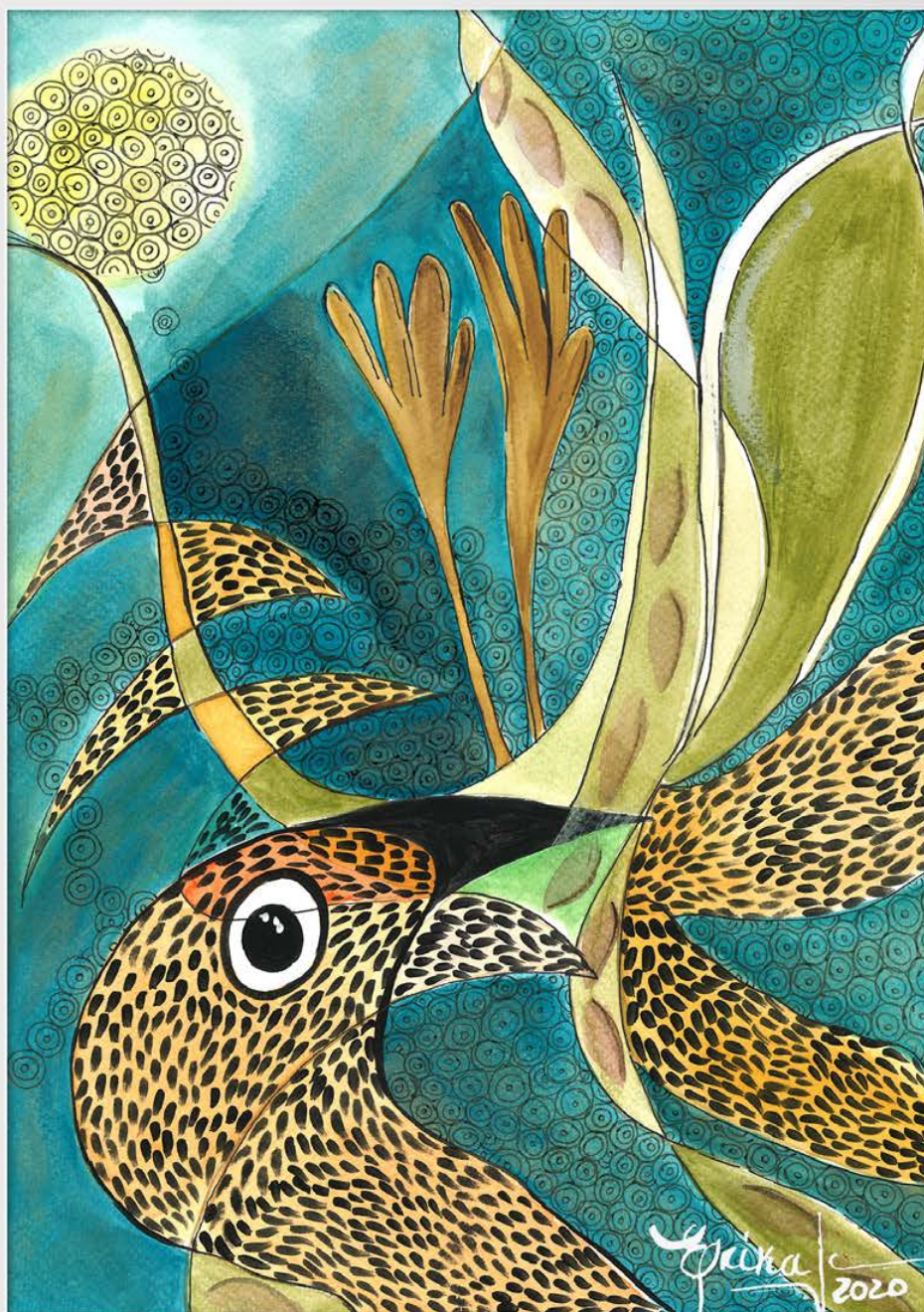


DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





PROMOVINVEST

Promover o investimento
cá dentro e lá fora

promovinvest.com

p/ 06 e 07.

Plano de atividades para 2021
Mensagem do presidente Philippe Fernandes

p/ 12.

Grande Entrevista.
Duque de Bragança, D. Duarte Pio

p/ 26.

Conselho das Comunidades Portuguesas
"Quantos somos afinal?". Pelo Conselheiro Manuel Coelho

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 28.

Artes e artistas lusos. Por Terry Costa.
Adriano Reis, contador de histórias de lá e de cá

p/ 40.

Literatura portuguesa: Aquilino Ribeiro - Parte I
Pelo diretor da revista literária "aquilino", Paulo Neto

p/ 62.

Implicações legais de viver fora de Portugal.
Por Mafalda Martins Lourenço - Abreu Advogados

Obra de capa

Título: O primeiro voo

Dimensões: 35 x 27

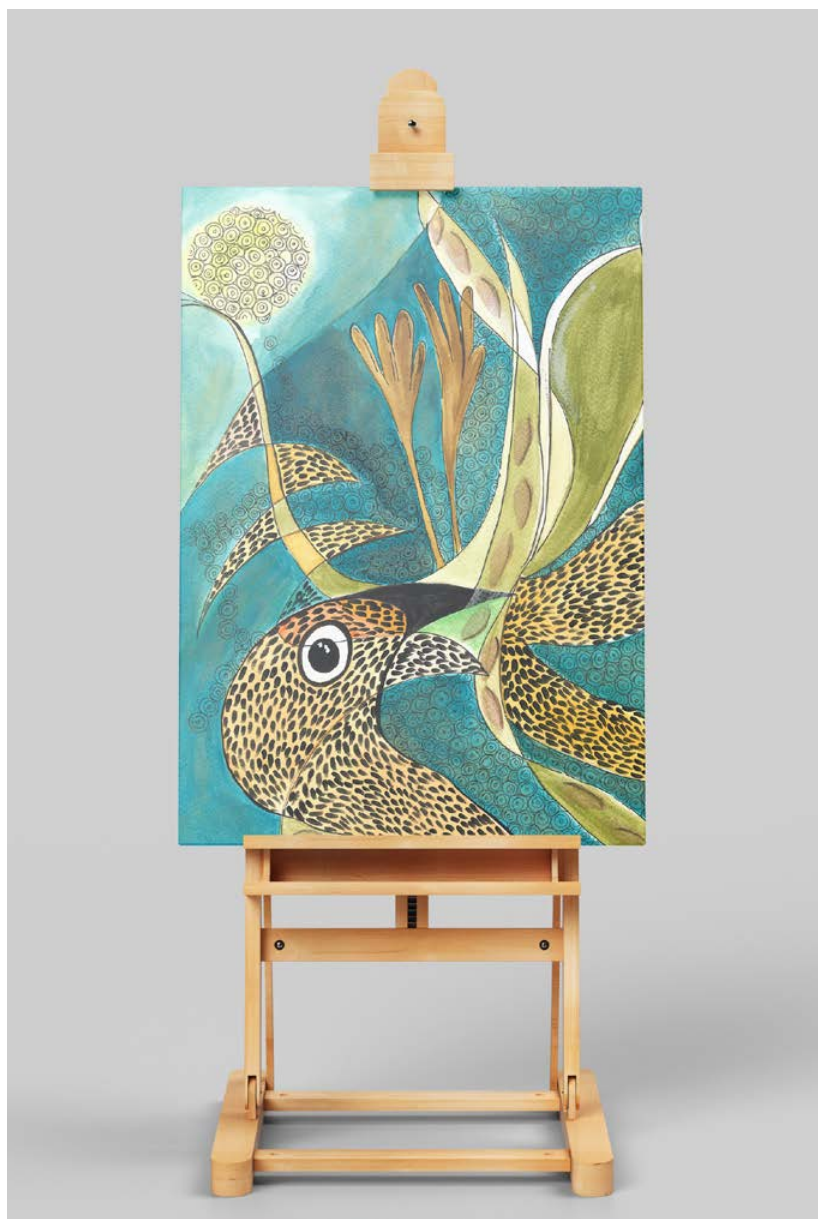
Técnica: Mista, acrílico, caneta s/papel

Descrição da obra:

Kanjinvi desperta para mais um dia da sua vida. Olha em volta, e, o que consegue ver, parece-lhe lindo. Contudo, desde que nasceu, o seu espaço é limitado e o seu horizonte visual também. O êxito rapidamente confere-lhe uma enorme autoconfiança, e então, começa a aventurar-se inebriado por uma sensação sem limites. Sobe no ar, vagueia, faz acrobacias. É incomensuravelmente feliz! Tal como sua mãe lhe dissera, não há de facto palavras que traduzam a sensação de voar.

Erika Jâmece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Comercial** Gilda Pereira |
Editores António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Fátima Oliveira, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, José Martinho, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não

é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º2, i) e j), artigo 75º n.º2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 02 Fevereiro 2021, GRATUITA

Editorial

“A vida associativa resulta da ação de todos os seus associados”, são as palavras do Presidente da AILD, Philippe Fernandes, e, é com essa certeza que vos trazemos o destaque do associado Mário Fonseca, um empreendedor e empresário de sucesso a residir na Suíça.

E se o “Valor da língua portuguesa” é enorme, como referência e identidade nacional, na Grande Entrevista, convidamos o Chefe da Casa Real Portuguesa D. Duarte Pio, para nos dar a conhecer a sua visão de Portugal e do mundo. Mas também, terão a oportunidade de se deliciar com a primeira de duas partes de um ensaio sobre um grande ícone da literatura portuguesa, Mestre Aquilino Ribeiro, pelo especialista Paulo Neto, diretor da revista literária “aquilino”. Quando falamos do “Mundo”, falamos naturalmente, dos “Fluxos migratórios”, através de Gilda Pereira, CEO da Ei! Assessoria Migratória, que nos traz os indicadores para este início de 2021, complementado com a opinião de Manuel Coelho, Conselheiro das Comunidades Portuguesas, que faz uma reflexão de “Quantos somos...afinal”, no que respeita às nossas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e aos principais destinos da emigração portuguesa. Mas fique também a conhecer “As implicações legais de viver fora de Portugal”, informações que Mafalda Lourenço, da Abreu Advogados, partilhou connosco. Adriano Reis, traz-nos as “histórias de cá e de lá”, enquanto João Costa nos coloca a par do “Novo Paradigma das Energias Renováveis”.

E, após um momento eleitoral importante para Portugal, a eleição do Presidente da República, Carlos Pereira, Diretor do LusoJornal, traz à discussão a forma como Portugal discrimina alguns dos seus cidadãos pelo simples facto de residirem no estrangeiro,

fazendo desta uma verdadeira “Diáspora”.

A pandemia colocou-nos numa sobrecarga emocional e psicológica, e que nos pode conduzir ao “Síndrome de Fadiga Pandémica”, como nos explica Fátima Oliveira, Psicóloga Clínica e da Saúde.

Para evitar esse “síndrome”, convidamo-vos a visitarem a “Casa de Louredo” no Gerês, onde a natureza, o conforto e o bem-estar fazem as honras do espaço. Mas, se preferir sair do país, porque gosta de conhecer novas culturas e visitar o património histórico, vá até à cidade e antiga capital, Ayutthaya, considerada Património Mundial da UNESCO. Para a viagem leve a *Descendências Magazine*, e fique a saber “Qual é a origem do avião?”, através de Marco Neves, professor da Universidade Nova de Lisboa.

Na hora de escolher o melhor vinho para cada momento, Pedro Guerreiro convida-nos ao “Vinho de Kant”, enquanto que Tiago Sabarigo, o nosso Chef nos dá umas dicas de como organizar a cozinha. Não deixe ainda de ler os sapientes conselhos fiscais de Philippe Fernandes em busca de um “oráculo”, que pode mudar a sua vida, e esperemos que o Governo siga a sugestão da Rogério Fernandes Ferreira & Associados, aliviando-nos um pouco com um novo “Shot Tax Relief”.

Por último, agradecemos a colaboração da nossa diretora adjunta Madalena Pires de Lima por todo o seu trabalho e empenho e desejar-lhe os maiores sucessos para o seu novo projeto editorial que daremos nota aqui em breve.

Em tempo de pandemia, fevereiro, celebra o Dia Mundial do Doente, mas também, o Dia dos Namorados, e portanto, cuidem do corpo, mas também da alma e do coração! Marcamos novo encontro em março.



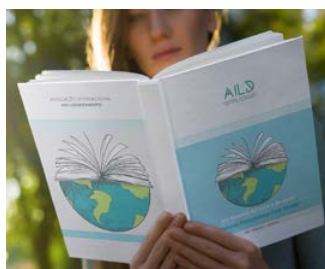
Fátima Magalhães
Diretora

A I L D

O Valor da Língua Portuguesa

No Plano de Atividades 2021, a AILD colocou o foco, na promoção da língua e da cultura portuguesa, privilegiando colóquios temáticos, exposições, criação da Biblioteca dos Autores das Comunidades Portuguesas, Certame do Dia do Livro e dos Autores, cursos de formação modulares, entre outros.

Tal posicionamento não é por acaso, mas uma aposta estratégica tendo em conta os objetivos e motivos que estão na origem da criação da AILD; o valor e importância da língua Portuguesa e por ser um fator transversal aos diversos propósitos da AILD. Cada língua tem um valor próprio e único, para os seus falantes, para a união e identidade, para a diversidade e o enriquecimento da humanidade, para a aproximação de pessoas e países. A língua portuguesa ocupa o 5º lugar do idioma mais falado no mundo, tendo a UNESCO



em 2019 decidido proclamar o dia 5 de Maio como “Dia Mundial da Língua Portuguesa”, assumindo-se a “língua portuguesa” como nossa porque a falamos e a partilhamos com os demais países que a escolheram como língua oficial, e nossa porque é do mundo que também a nós pertence.

A língua portuguesa tem uma transversalidade mundial, quer através dos países da CPLP, quer através dos milhões de portugueses espalhados por cerca de 180 países do mundo, o que dá a Portugal e à sua língua uma força enorme. E essa força reflete-se através da influência dos portugueses,

que tem vindo a crescer nesses países de acolhimento, com uma participação política, social, económica, cultural, empresarial, cada vez maior.

E do ponto de vista mais prático, existe um conjunto de fatores que a língua é capaz de potenciar, nomeadamente: Indústria da língua; Lusofonia; Diplomacia Económica; Rede do Ensino de Português no Estrangeiro; Internet e redes sociais; Turismo; Desporto, Gastronomia e Vinhos.

E portanto, esta opção da AILD para 2021, é claramente uma aposta estratégica, num projeto que é contínuo e inacabado, convidando a todos os que se queiram juntar a nós.

Em jeito de conclusão e numa homenagem a um grande ícone da língua portuguesa, termino citando Fernando Pessoa “Minha pátria é a língua portuguesa”.

Foram muitos os que se manifestaram bastante agradados com a nova imagem da nossa revista e do site da revista, o que serve de incentivo a mantermos este rumo. Não posso deixar de manifestar a capa lindíssima da Mestre Erika Jâmece que nos deixa desde já curiosos para as capas da revista para 2021.

Congratulamo-nos pela possibilidade de realizarmos a exposição dos quadros do Mestre Ismaël Sequeira no Camões, I.P., bem como as exposições itinerantes destes quadros e dos quadros do Mestre Carlos Farinha por esse mundo fora. Tanto a exposição como a itinerância dos quadros ficaram adiados por enquanto com a terceira vaga da COVID-19.

Esta terceira vaga surpreendeu-nos e não podemos deitar fora o esforço que temos feito até aqui, tudo devemos fazer para deter a propagação da COVID-19 e aliviar os hospitais. Melhores dias virão, com o contributo de todos sem exceção.

Logo que pudermos, voltaremos a realizar eventos físicos pois todos nós já andamos com saudades de estar com os amigos e familiares em eventos culturais por esse mundo fora e sem máscara.... Até lá vamos desenvolvendo a nossa ação pela internet. A qualquer momento, vão arrancar uma série de formações online, estejam atentos e sintam-se desde já convidados a participarem nelas. Umas serão gratuitas ou remuneradas, mas todas elas são de grande interesse.

| A I L D

Ano Novo, vida nova

Um dos nossos propósitos para 2021, é que se juntem a nós, tornando-vos membros da AILD. Para aqueles que são mais audazes, tornem-se voluntários ou concretizem projetos dentro do espírito que move a AILD, a única associação internacional criada em Portugal por lusodescendentes.

Na AILD não existe o culto de uma única personalidade, todos podem ser protagonistas da vida da nossa associação, depende somente da vontade de cada um. A vida associativa resulta da ação de todos os seus associados. Como acabámos de ver tanto nos EUA, por estes dias, como noutras associações em Portugal, o culto e a personalidade conduz a muitos maus resultados, o líder torna-se

um narcisista, egocêntrico e megalómano, afasta qualquer pessoa que brilhe pelas suas ações, com medo de que lhe tire o foco das atenções. Com o passar do tempo esta pessoa acaba só.

Outro elemento essencial numa associação são os seus benfeitores, caso se queira tornar nosso benfeitor não hesite em nos contactar, a sua ajuda nunca será nem de menos nem de mais para nós, ficaremos sempre agradecidos com pequenas contribuições e com as grandes também.

Não há dúvida que é um dever cívico de todos nós participarmos na vida de instituições sem fins lucrativos para construirmos uma sociedade melhor.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

A I L D

Mário Fonseca

Idade: 34

País de nascimento:

Portugal

País/Cidade onde

reside: Suíça,

St-Sulpice (Vaud)



É natural de Caxarias, concelho de Ourém, onde residiu até acabar o ensino secundário. Aos 18 anos “emigrou” para Lisboa com o objetivo de continuar os estudos de piano clássico no Instituto Gregoriano de Lisboa, para prosseguir pela via artística.

No entanto, um convite de Fernando Graça, (seu tio e fundador do Grupo Parcial Finance), para trabalhar na primeira empresa do grupo em Portugal, fez com que rapidamente ingressasse neste grupo empresarial familiar, e acabasse por se licenciar em Gestão Imobiliária pela ESAL. Frequentou ainda a Pós-Graduação em Finanças e Controlo Empresarial do ISCTE.

A partir de 2006, foi responsável pela criação e desenvolvimen-

to da Parcial Finance em Portugal. No ano de 2011, fruto de uma reestruturação interna, emigrou para a Suíça para trabalhar de perto com a comunidade portuguesa enquanto conselheiro financeiro. Em 2017 assumiu a função de diretor geral do Grupo Parcial Finance no seu todo, e lançou o 1º Balcão do Emigrante em Bruxelas. Atualmente a marca Balcão do Emigrante já se encontra presente em 5 países com 7 escritórios abertos ao público e tem como objetivo colocar à disposição de todos os portugueses emigrados pelo mundo, um conjunto ainda mais alargado de soluções administrativas, fiscais, imobiliárias, dos seguros, das poupanças, e do crédito, tanto no país de acolhimento como em Portugal.



O que faz profissionalmente?

Sou o Diretor Geral do Grupo Parcial Finance, constituído por 8 empresas, em 5 países e pelas marcas Balcão do Emigrante e Beach Rentals (Algarve), empresa que se dedica a criar e colocar à disposição dos emigrantes portugueses pelo mundo, um conjunto de soluções de apoio imobiliário, administrativo, fiscalidade e produtos financeiros em Portugal e também, no país de acolhimento.

Desafios e projetos para 2021?

- Abertura de 4 novas unidades do Balcão do Emigrante, em nome próprio;
- Lançamento do processo de Franchising para a marca Balcão do Emigrante, com a abertura de duas unidades piloto em regime de Franchising;
- Consolidação de procedimentos internos e lançamento de novos produtos e serviços de apoio às comunidades;
- Estabilização dos resultados económicos e financeiros pós-covid-19.

Considera importante a existência de políticas e ações para uma maior aproximação de Portugal às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo?

Considero muito importante a existência de políticas que coloquem (definitivamente) os emigrantes portugueses na agenda política portuguesa. Parece-me evidente que as palavras não “casam” com os atos, ao invés de uma aproximação tem-se assistido a um degradar do investimento e dos recursos colocados ao dispor da emigração portuguesa. O sistema consular é o reflexo do “desinteresse” existente pelas comunidades, acabando por instalar-se junto das comunidades a sensação de que tudo o que diga respeito a investimento na diáspora seja um “mal necessário”, em forma de serviços mínimos.

O que poderia ser feito nesse sentido?

A verdade é que o que deve ser feito já foi mais que debatido. A questão é que da passagem das propostas à sua aplicabilidade prática há um grande fosso. Mas sem dú-



<https://www.linkedin.com/in/mario-goncalves-fonseca>

vida que a modernização do sistema consular e o aumento dos recursos humanos seria sem dúvida algo de extrema importância para que as comunidades emigrantes portuguesas se sentissem bem acolhidas.

O que mais gosta em Portugal?

A Gastronomia e o Sol.

O que menos gosta?

A burocracia tão característica dos sistemas portugueses.

Porque se tornou associado da AILD?

Porque me parece que o propósito desta associação é muito válido e que pode vir a beneficiar as nossas comunidades.

Inevitável no momento que estamos a atravessar perguntar-lhe como está a “sobreviver” a esta pandemia? Que impacto está a ter na sua vida?

Existem constrangimentos económicos devido às medidas de confinamento e às restrições ao exercício normal das

atividades. Uma das minhas grandes dificuldades prende-se com as viagens a que a minha posição nas empresas me obriga, pois existe uma enorme dificuldade em viajar entre os países onde estamos.

A nível pessoal e pelo facto de ser pai, o fecho dos sistemas de acolhimento das crianças faz com que a conciliação entre a vida pessoal e profissional se torne mais exigente neste período.

Qual é o seu sonho para 2021?

Basicamente que a Humanidade consiga finalmente passar para uma nova fase no que diz respeito à convivência com a COVID 19, e que a normalização da vida das pessoas possa já ser uma realidade ao longo de 2021.

Uma mensagem para as comunidades portuguesas e/ou lusodescendentes?

A minha mensagem para as nossas comunidades é a de que mantenham o espírito empreendedor e resiliente dos nossos antepassados. Somos uma grande Nação com feitos notáveis dos quais temos que nos orgulhar e fazer deles bandeira.

QUINTADARIBEIRINHA.PT



DESCENDÊNCIAS
MAGAZINE



GRANDE ENTREVISTA DUQUE DE BRAGANÇA D. DUARTE PIO

O Chefe da Casa Real Portuguesa, Dom Duarte Pio João Miguel Gabriel Rafael de Bragança é filho dos Duques de Bragança, Dom Duarte Nuno, Neto de D. Miguel I, Rei de Portugal e Dona Maria Francisca de Orleans e Bragança, Princesa do Brasil, trineta do Imperador D. Pedro I do Brasil, também conhecido como D. Pedro IV de Portugal.

Em período de exílio que atingiu a Família Real, nasceu na Suíça mas em território português: na Embaixada de Portugal em Berna, a 15 de Maio de 1945. Teve por padrinhos Sua Santidade o Papa Pio XII e por madrinha a Rainha Dona Amélia de Orleans e Bragança, então viúva de D. Carlos I, Rei de Portugal.

Permitido o regresso a Portugal da Família Real nos anos 50, estudou no Colégio Nuno Álvares (Caldas da Saúde) em Santo Tirso entre 1957 e 1959.

Em 1960 ingressou no Colégio Militar, prosseguindo, posteriormente, os Seus estudos no Instituto Superior de Agronomia e ainda no Instituto para o Desenvolvimento na Universidade de Genebra.



Estamos muito agradecidos pela honra desta entrevista. Como avalia as medidas tomadas pela OMS no tratamento desta pandemia mundial?

Fica sempre a suspeita de que o Presidente da OMS tenha algumas motivações mais políticas do que científicas. Sei que ele esteve ligado ao Governo radical na Etiópia, o DERG, que aterrorizou a população etíope depois de ter assassinado o Imperador Haile Selasse. Espero estar a ser injus-

to, mas certamente que houve umas quantas incoerências e incompetências nas atitudes tomadas por ele. Em todo o caso tem experiência em matéria de mortos.

Quais as suas principais preocupações neste momento com todas estas alterações geopolíticas no mundo?

Segundo têm denunciado vários Papas e outros líderes religiosos, a economia mundial parece estar sobretudo ao





serviço de certos interesses de grupo, em vez de estar ao serviço das populações, e em particular da grande percentagem de pessoas que vivem em pobreza no mundo. Mesmo na Europa, incluindo em Portugal, isto acontece. Veja o seguinte: muita gente sofre por não ter trabalho remunerado, e muitos outros sofrem por ter trabalho a mais e não se poderem dedicar à família e a atividades que lhes dêem prazer. Isto demonstra má organização da economia. Por outro lado, foi notícia recentemente uma atitude muito inteligente da Autoeuropa e da sua organização laboral. Em vez de despedirem os trabalhadores excedentários quando houve uma grave diminuição das encomendas, concordaram em que todos reduziram o seu tempo de trabalho semanal, e consequentemente o salário auferido, mas assim ninguém seria despedido. Esta prática contraria as posições sindicais, mas é humanamente inteligente e economicamente eficiente. Muitas das nossas atividades económicas poderiam ser recicladas a fim de melhor servirem a população em geral. Como se explica que ao mesmo tempo haja pessoas a passar fome, outros a não conseguirem vender os seus produtos agrícolas e ao mesmo tempo haver tanta comida desperdiçada, nas famílias e no comércio. O Banco Alimentar, ainda que obviamente sendo uma solução muito limitada e um “tapa-buracos”, é um bom exemplo. O Refood é outro caso de sucesso, assim como o magnífico trabalho da Cáritas Diocesanas.

Que papéis podem ter as monarquias no desfecho de toda esta situação?

Nas Monarquias europeias os Reis e Rainhas têm dado um bom exemplo no sentido de apontar problemas e soluções aos Governos e à opinião pública,

bem como de contribuir para a estabilidade política. A Espanha e a Bélgica provavelmente já se teriam desintegrado se vivessem em regime republicano. Em Inglaterra, nos Países Escandinavos, na Holanda e em Luxemburgo as Famílias Reais têm também prestado um serviço insubstituível em muitas ocasiões, apesar dos problemas familiares que também atingiram essas Famílias.

Nesta pandemia quem ler os jornais nacionais publicados nestas Monarquias percebe o grande trabalho desempenhado atualmente pelas suas Famílias Reais.

Ainda há tempos, de visita à Suécia, assisti à Comemoração do Dia Nacional. Milhares de pessoas nas ruas de Estocolmo assistiam a um desfile com grande pompa e circunstância, em que participavam os Reis e a sua Família em carruagens de cavalo com uma escolta de cavalaria com uniformes clássicos. Eu perguntei se os suecos, tradicionalmente bastante forretas, não estariam incomodados com estas despesas. Explicaram-me que todas as despesas, incluindo os cavalos, eram pagas por uma Fundação criada por subscrição pública e não custavam nada ao orçamento do Estado. Isto é um bom exemplo para Portugal, onde se gasta imenso dinheiro dos impostos com iniciativas de luxo.

Tendo sido um grande político e militar, D. Afonso Henriques, o nosso primeiro Rei, de que se envergonharia do Portugal de hoje, que ele conquistou?

Com efeito a parte que ele conquistou ainda não foi entregue aos vizinhos europeus, nem aos vizinhos do outro lado do Mediterrâneo. Ele estará mais preocupado com alguns nossos amigos asiáticos... Já D. Manuel I deve andar mais revoltado. De facto nada sobrou daquilo que Portugal conseguiu ser



desde a sua época até 1975. O que sobrou é a ligação de afectos entre o que são hoje os Países da CPLP. Mas essa ligação tem que ser cuidadosamente cultivada, a fim de não desaparecer também à medida que as pessoas que eram cidadãos portugueses em 1974 e a quem foi retirado esse estatuto com as independências, vão desaparecendo. À imagem do programa Erasmus podia-se criar um programa Padre António Vieira para os Países de língua Portuguesa. Um dos problemas com a vinda dos jovens mais favorecidos dos países africanos é que muitos preferem ficar cá, em vez de regressarem e ajudarem a desenvolver os seus países. Esse problema poderia ser resolvido como propôs a Ministra da ex-Educação Maria de Belém Roseira: o diploma universitário recebido por estes estudantes com bolsas só seria válido no seu país de origem durante pelo menos 10 anos, depois passaria a ser um diploma internacional. Quem não quisesse, então teria que pagar os seus estudos.

Sabemos que colabora com Príncipe Eduardo, do Reino Unido num programa internacional chamado Prémio Du-

que de Edimburgo, que em Portugal se designa por Prémio Infante D. Henrique, do qual é o presidente honorário. Em que consiste esse programa? Quem se pode candidatar?

O Programa destina-se a fazer com que os jovens pratiquem atividades que desenvolvem as suas capacidades, incluindo um serviço à Comunidade, aprender um novo desporto, desenvolver um talento e fazer uma expedição numa área de natureza, orientação, etc. O Programa para se desenvolver com o apoio de monitores tem que ser feito em grupo, normalmente através da escola ou de algum clube. Tem havido uma grande receptividade das escolas e em alguns casos também por parte das Câmaras Municipais. Para participar, pode contactar diretamente o Secretariado Nacional. Os contactos são os seguintes: tel. 213 430 497, e-mail: premio-idh.geral@sapo.pt; site: <https://premio-idh.com>.

A sua bisavó materna foi a princesa Isabel, filha de D. Pedro II do Brasil. Que relações mantém com esse país, nosso irmão?



As relações com os meus Primos brasileiros têm sido sempre de grande amizade. Em alguns casos temos trabalhado juntos. É pena não ter podido ir tanto quanto gostaria ao Brasil. Em fevereiro deste ano fui a São Paulo com a nossa filha Maria Francisca, a convite da Casa de Portugal para fazer uma conferência sobre a importância presente e futura da Lusofonia. No caminho ficámos três dias no Recife a visitar a Família do meu excelente amigo, o escritor Ariano Suassuna, infelizmente falecido há pouco tempo. Fomos também conhecer a floresta amazónica e a cidade de Manaus. A nossa Filha tinha ido uns dias antes para visitar os nossos Primos no Rio de Janeiro e em Paraty.

O seu bisavô paterno foi o rei D. Miguel e descendem dele também os reis da Bélgica e os Grão-duques do Luxemburgo. Que tipo de proximidade tem com esses familiares?

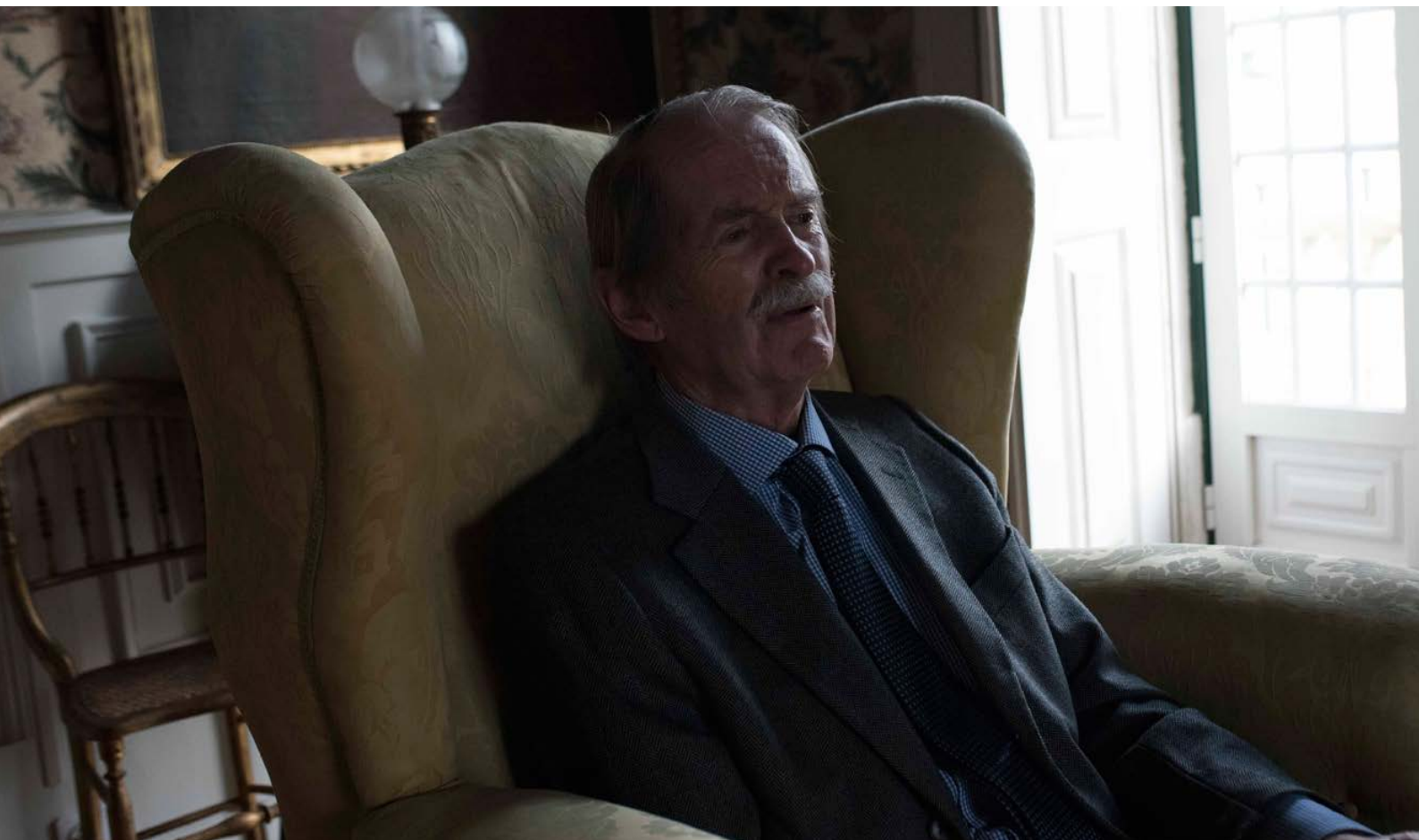
Temos uma grande relação de amizade e também com outros descendentes como os Príncipes de Liechtenstein, a Família Real da Baviera, a Família dos Arquiducos de Habsbur-

go, descendentes da Imperatriz Zita Bourbon-Parma, que casou com o Imperador Carlos de Áustria cujo corpo está na Igreja do Monte no Funchal.

Que circunstâncias actuais fazem com que a força e o prestígio da instituição monárquica se mantenham e existam ainda muitos monárquicos em Portugal e no mundo?

O seu prestígio vem do facto de continuar a ser muito útil para as populações desses países. Esta utilidade deve-se à experiência e preparação que os Reis e Rainhas demonstram quando assumem a Chefia de Estado e passa também pela relação afetiva que têm com todos os compatriotas.

Quais os valores que a Monarquia nunca abdica? Quais são esses valores que a república deveria integrar? Sentido de responsabilidade a longo prazo em vez de se preocuparem só até às próximas eleições, sentido de inclusão de que somos todos um só povo, apesar das divisões políticas.



É como diz. Em particular a defesa dos valores permanentes da comunidade nacional. Por exemplo os três Chefes de Estado (nossos primos) recusaram assinar as leis a favor do genocídio promovido pelas leis do aborto.

Existe uma ética exclusivamente monárquica?

Eu ouço muito falar na ética republicana, mas confesso que nunca percebi em que é que os republicanos têm uma ética superior aos das restantes pessoas. Olhando para a grande parte das repúblicas actuais, incluindo a nossa, não se pode dizer que a ética dos seus responsáveis seja mais elevada do que a ética dos políticos das Monarquias. Claro que há políticos moralmente sérios como desonestos em ambos os regimes. Sendo a definição de República o bem comum. Vários Reis portugueses intitulavam-se defensores da “República”. Não vejo que os autoproclamados políticos republicanos tenham valores éticos mais elevados do que os políticos monárquicos. Na prática vemos que em geral os políticos em Monarquia têm um sentido de responsabilidade a longo prazo mais profundo.

A Princesa Diana aproximou os povos de todo o mundo às monarquias? Causas abraçadas como as de Diana deveriam estar mais presentes nas agendas dos monarcas?

Todos os Reis atualmente se preocupam e trabalham a favor da justiça social e da proteção do ambiente. O que a Princesa Diana tinha de especial era um carisma muito particular que se podia comparar com o da Princesa Grace do Mónaco ou com o da atual Rainha Matilde da Bélgica, entre outras Princesas. Para além das qualidades e da graça natural delas, conta também com o que se chama de a Graça de Estado, que é o dom que o Espírito Santo concede ao Governantes que o merecem. Infelizmente a Graça também se pode perder.

Na história da monarquia mundial, há um pré e um pós princesa Diana. Qual o impacto desse drama na imagem que o povo ficou do príncipe Carlos?

No começo foi bastante negativa, mas algum tempo depois,



numa sondagem feita em Inglaterra sobre quem seria o 1º Presidente da República caso a Inglaterra mudasse de regime, o Príncipe Carlos aparecia em 1º lugar com maioria. O nº 2 era o Richard Branson.

A que se deveu a ausência no casamento de William, em 2011?

Os Ingleses deram prioridade a todos os países da Commonwealth e às Famílias Reais reinantes. Uma união deste género é que nós devíamos procurar desenvolver com a maioria dos Países da atual CPLP. Mas é mais difícil por estarmos em República.

Que tipo de casamento deseja aos seus filhos?

Espero que eles encontrem alguém que os ajude a cumprir a sua missão perante Deus e perante os Portugueses, e obviamente com quem tenham uma profunda afinidade em relação aos aspetos fundamentais da vida. Esta afinidade é

que constitui a base de um casamento feliz capaz de ultrapassar possíveis desentendimentos ou outras crises.

O que privilegia na educação que transmite aos seus filhos?

Os valores de que falei, a capacidade de que todas as decisões sejam tomadas com lógica, em vez de serem principalmente emocionais, pois a emoção frequentemente contradiz a razão. Os valores evangélicos são sempre um guia útil para a nossa vida e que felizmente os nossos filhos têm bem interiorizados. É sabido que o que os filhos aprendem com os pais não é principalmente o que lhes dizemos, mas o exemplo que lhes damos. Esses valores são válidos também para quem não tenha convicções religiosas, mas é claro que a formação cristã ajuda muito.

Que comentário tem a fazer sobre a manutenção do património arquitetónico Real em Portugal, nomeadamente no que respeita a Castelos e Palácios?



Nos últimos tempos, infelizmente, começaram a ser seguidos critérios que em vez de ajudarem à manutenção dos nossos monumentos, sobretudo dos castelos, estão a ter resultados que são contrários ao bom senso e mesmo ao sentimento da maioria da população. Por exemplo, vemos castelos belíssimos e até agora bem preservados que estão a ser desfigurados pelo que chamam “intervenções”. Em muitos casos a ideia caridosa de dar acesso às cadeiras de rodas a todos os lados de um castelo acaba por o desfigurar completamente. Elevadores de alumínio, passadiços de aço, etc, desfiguraram por exemplo o castelo de Palmeira, Ourém ou de Porto de Mós, Marialva, entre outros. Em

muitos casos as associações representativas da população, e por vezes até as Câmaras Municipais, se manifestaram contra estas intervenções. Os arquitectos responsáveis justificam-se com o malfadado protocolo de Veneza, que lhes dizia ser uma espécie de dogma ou obrigação moral de intervir marcando a nossa época! Ora, na Europa e no mundo já praticamente ninguém acredita neste terrível disparate cultural. Só alguns arquitetos ficam felizes por poder manifestar o seu autoproclamado génio desfigurando monumentos que fazem parte da nossa memória e da nossa História. É fundamental haver um grande movimento cívico e educacional que possa alterar esta atitude.



A título de exemplo e porque os castelos não existem apenas em Lisboa ou no sul de Portugal, recordamos que visitou o Castelo de Montalegre, Trás - os - Montes. Viu as obras concluídas? Fazemos a pergunta pois temos conhecimento que marcou presença no lançamento da primeira pedra na requalificação e à data manifestou preocupações no sentido de se respeitar o património e a sua construção de raiz.

Nalguns casos vi as obras concluídas, por vezes com mais bom senso e noutras extremamente ofensivas ao bom senso. Este problema é extensível também ao facto de algumas Câmaras Municipais autorizarem que se desfigurem aldeias, ruas, bairros com grande equilíbrio arquitetónico para não contrariar algum empresário da construção civil ou algum amigo. Mesmo em Lisboa não é aceitável que em frente ao Mosteiro dos Jerónimos se tenha deixado cons-

truir um edifício como o Centro Cultural de Belém. Mesmo o edifício da Fundação Champalimaud, que tem uma arquitetura de grande beleza, teria ficado muito melhor numa zona mais moderna da cidade, como a do Parque das Nações.

Que mensagem quer deixar aos nossos leitores, nomeadamente aos lusodescendentes disseminados pelo mundo fora, impedidos de virem a Portugal, neste Natal e neste 1 de Dezembro?

As famílias que não se podem unir fisicamente podem estar unidas espiritualmente, em particular se tiverem acesso às tecnologias que permitem um contacto visual uns com os outros. Isto é mais complicado com os parentes de maior idade que tenham dificuldade em utilizar estes meios. Poderão pedir ajuda aos mais novos.



M I G R A Ç Õ E S

Fluxos migratórios no início de 2021

O ano 2020 foi um início de década ímpar em múltiplos sentidos, imensamente imprevisível, mas que ao mesmo tempo trouxe com ele mudanças - algumas muito positivas, outras nem tanto - igualmente inesperadas. Dadas as condições em que a maioria dos países no mundo tiveram de viver, todos nós pudemos contemplar várias facetas do ser humano, das quais acredito que mereçam maior destaque a coragem, a resiliência, a criatividade e o engenho. Graças às novas Tecnologias de Informação e Comunicação, foi-nos possível ver

todas estas qualidades em milhares de rostos diferentes, oriundos dos vários cantos do mundo.

Em todos os sentidos foi incrível tudo o que, apesar de quaisquer adversidades, mais uma vez o ser humano mostrou-se capaz de enfrentar os obstáculos da Natureza e fruir. Mas nem tudo girou em torno de ameaças invisíveis que afetaram economias, sociedades e modos de vida. A política, as relações internacionais e a vida das sociedades de um modo geral, continuaram a decorrer e também esses eventos tiveram o seu contributo

no impulsionar de mudanças.

Pela excecionalidade de 2020, muitas vezes, muitos de nós, ficámos esquecidos do facto que a História não se começou a escrever neste ano bissexto. Só no último semestre do ano passado, muitas coisas continuaram a acontecer em paralelo a tudo o resto. Por fatores muito além das condicionantes impostas pelo acaso, decisões foram tomadas que influenciaram o curso de acontecimentos recentes.

Em setembro de 2020, um conjunto de novos rostos viraram-se para Portugal, em busca daquilo que o torna



um país predileto: segurança, estabilidade e custo de vida acessível. Estes rostos vinham do outro lado do norte do Atlântico. No espaço de apenas um par de meses, várias centenas de americanos começaram a procurar instalar-se em Portugal. Desde os aposentados (que nos últimos anos muito nos têm procurado), passando por homens de negócio, empreendedores e criativos, muitos norte-americanos voltaram as suas intenções para encontrar em Portugal o terreno fértil que lhes permitisse viver as suas vidas com a estabilidade que todos procuramos.

Só no passado dia 6 de janeiro, na sequência da invasão do capitólio, a Ei!

Assessoria Migratória recebeu mais de 50 pedidos para apoio na tramitação do processo migratório dos EUA para Portugal, sendo que, quase a totalidade dos contactos, adjudicaram os processos migratórios no próprio dia.

Estas novas tendências do fluxo migratório, mais do que desvelarem inquietações perante certos cenários de relativa instabilidade, permitem-nos ter uma noção inegável da confiança que Portugal tem conseguido cultivar e nutrir ao longo das últimas décadas. As estatísticas e os rankings mundiais, são apenas um mero reflexo da imagem que passamos além-fronteiras. É a escolha deliberada e a preferência

indubitável de vários cidadãos do mundo, que demonstram porque é que continuamos a ser “o jardim da Europa à beira-mar plantado”.

Em 2021 a Ei! Assessoria Migratória mantém-se focada em ser o ombro amigo de todo o ‘navegante do globo’ que queira deixar crescer raízes no nosso país, como uma referência da confiança, da transparência e da qualidade que Portugal representa.

Na Ei! Assessoria Migratória, prezamo-nos sempre pela atenção detalhada às particularidades de cada caso e é dessa forma que encaramos este novo desafio do incremento do fluxo migratório de norte-americanos para Portugal.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

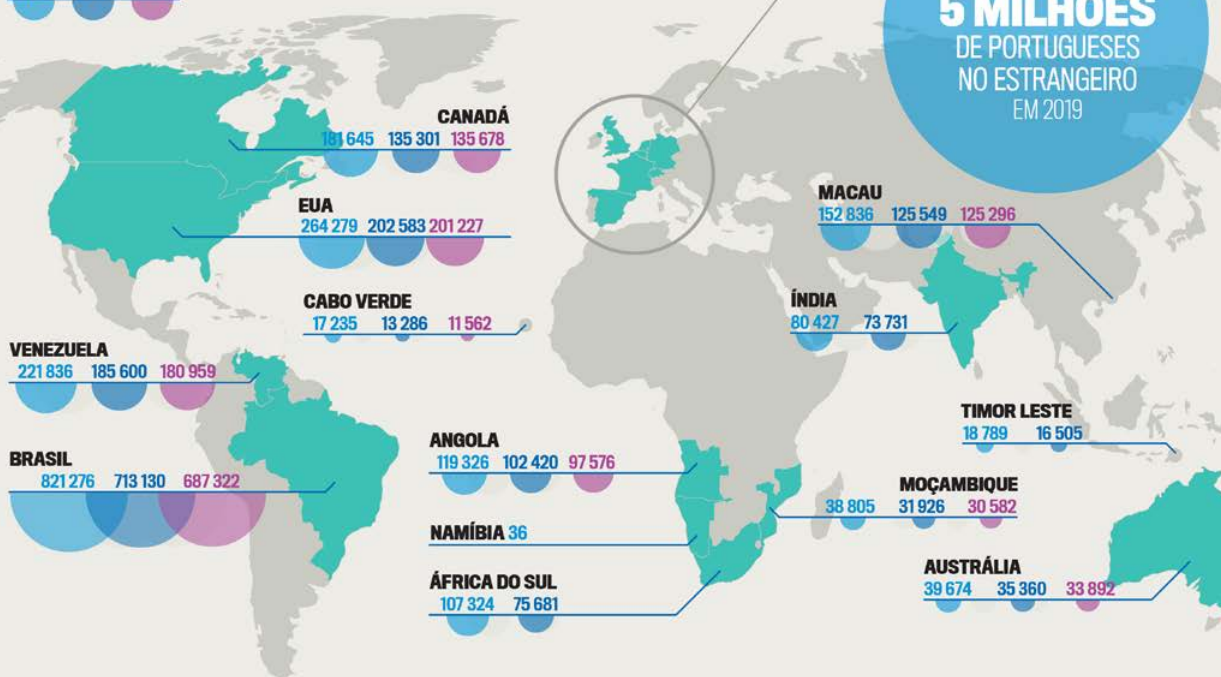
CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Quantos somos...afinal?

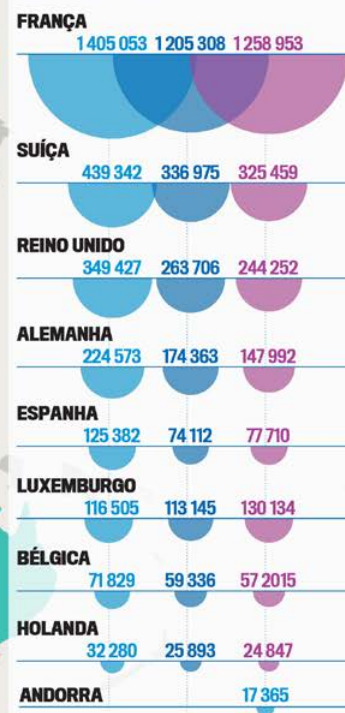
PRINCIPAIS DESTINOS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE INSCRITOS NOS CONSULADOS

2019 2018 2017



EMIGRANTES NA EUROPA



Infográfico CM jornal

Li recentemente no jornal CM, (edição de 5 de dezembro 2020), um artigo sobre este tema, que embora muito bem elaborado em detalhe, com mapas e gráficos ilustrativos, peca no sentido de não ter sido realizado um estudo mais profundo e consistente, o que incendeia mais ainda a opinião pública e tarda em apurar uma conclusão exata e final: se na realidade somos ou não 15 milhões de portugueses ou se se ultrapassa este número.

O ridículo número apresentado pelo CM nesse artigo, que existem 36 portugueses na Namíbia, é de lamentar e demonstra que não houve nenhum levantamento a sério prévio que dê alguma credibilidade ao dito artigo, mas inspirou-me a tentar repor a verdade sobre a presença e emigração de portugueses na Namíbia.

Os primeiros portugueses a chegarem à Namíbia, em 1486, foram um punhado de bravos marinheiros liderados por Diogo Cão que foram também os primeiros a explorar a

costa leste de África e plantaram um padrão num sítio a que deram o nome de Cabo do Padrão (*Cape Cross*), mesmo às portas do que se chama hoje a Costa dos Esqueletos, “terra que Deus criou com raiva” e reza a história “que os restos mortais desse nobre e distinto descobridor que aqui faleceu e foi enterrado algures nesta hostil e ríspido deserto, mas igualmente fascinante, fazendo parte dos milhares de esqueletos humanos, de baleias e de barcos naufragados que salpicam esta costa.”

Seguiu-se em 1488 outro nobre descobridor, Bartolomeu Dias e seus destemidos marujos, que também deixaram a sua marca nesta inóspita costa, ao implantar um padrão, num sítio que se chama hoje *Dias Point*, no sul da Namíbia, muito perto da cidade de *Luderitz*.

Recentemente foi descoberto na praia de *Oranjemund*, cidade diamantífera ao sul da cidade piscatória de *Luderitz* os destroços da nau portuguesa “Bom Jesus” que ali naufraga-

gou em 1530, contribuindo assim para o mais vasto cemitério de embarcações e tripulantes nesta costa do deserto da Namíbia.

Entre 1884 e 1915 a Namíbia esteve debaixo da administração colonial alemã, altura em que a África do Sul invadiu e anexou o território ao regime sul-africano, a pedido da Inglaterra, quando começou a primeira grande guerra mundial e manteve o controle até à independência da Namíbia em março de 1990.

A partir do princípio dos anos 60, e enquanto ainda se chamava *South West Africa* (hoje Namíbia), começaram a aparecer os primeiros emigrantes portugueses, alguns oriundos da Madeira, que se dedicaram a estabelecer pequenos comércios de bens alimentares e outros profissionais oriundos de Portugal, alguns via Angola, que encontraram facilmente emprego, porque nessa altura havia uma grande falta de mão de obra.

Também em meados de 1960, a pequena cidade de *Luderitz*, que na altura tinha uma população estimada em 600 habitantes, era invadida anualmente por cerca de 250 pescadores portugueses, todos oriundos da Ilha da Madeira e por algumas embarcações portuguesas na altura da época da pesca da lagosta, quando terminava a época piscatória na Cidade do Cabo. Muitos por ali ficaram ou mudaram-se para *Walvis Bay* o centro piscatório da Namíbia.

Por essa altura Portugal estabelece um posto Consular em *Windhoek*, capital da Namíbia e surge então o primeiro clube português, denominado SWAPA (*South West Africa Portuguese Association*), que teve alguns problemas com o nome pois confundia-se com o grupo de libertadores da Namíbia, SWAPO (*South West Africa People's Organization*), na altura considerado um grupo de terroristas, hoje o partido no poder.

Mas a verdadeira explosão de emigrantes portugueses, teve início no princípio dos anos 70 com a intensificação da guerra colonial em Angola e culminou em meados dessa década, após o abandono de Portugal e a instalação da guerra civil em Angola. Talvez a expressão “emigrantes” não seja a mais correta e penso que o termo mais adequado seja “refugiados”.

Foram milhares de Portugueses que atravessaram a fronteira do sul de Angola e se refugiaram na Namíbia, muitos deles emigraram depois para o Brasil e para a África do Sul enquanto alguns regressavam forçadamente para Portugal. Mas a sua maioria, sem recursos financeiros para irem mais longe acabaram por se radicais neste país, onde não encontraram grandes dificuldades de empregabilidade, pois a Namíbia vivia uma fase de crêscimo e expansão económica.

Surgem os clubes portugueses um pouco por todo o lado, pois era necessário um espaço para se conviver e trocar informação sobre as experiências de adaptação a um país onde existiam três línguas oficiais (Inglês, Afrikaans e Alemão) e as dificuldades e saudades diárias eram uma constante. A Associação Portuguesa de *Windhoek*, na capital com o maior aglomerado de portugueses, a Associação Portuguesa de *Tsumeb* cidade mineira no norte do país, com um forte componente de portugueses, o Marítimo Sport Clube em *Walvis Bay*, cidade piscatória com muitos portugueses na sua maioria madeirenses ligados ao sector da pesca e a Associação Portuguesa do *Okahandja*, cidade a norte de *Windhoek*, que na altura tinha um considerado número de portugueses, que ali construíam um nova barragem.

No centro de *Windhoek*, numa rua estreita e curta só para pedestres, havia um hotel que se tornou de imediato no ponto de encontro preferido dos portugueses, uma farmácia e o consultório de um médico cujas empregadas que falavam português, uma agência de viagens que prestava os mais variados serviços e apoio aos portugueses, desde da tradução de documentos à assistência na procura de emprego. Eram centenas de portugueses que ali diariamente se encontravam e que era conhecido por “Rossio dos Pobres”.

O posto consular foi elevado a Embaixada e aos bocadinhos a Comunidade Portuguesa começava a integrar-se no seu novo país de acolhimento.

Hoje **vivem na Namíbia perto dos 2500 portugueses**, cerca de 2460 mais que o dito jornal atribui.

Será que falta este número para chegarmos aos 15 milhões ou será que ultrapassa os 15 milhões?



Manuel Coelho

Conselheiro das Comunidades Portuguesas

| ARTES E ARTISTAS LUSOS

Adriano Reis



Ator, Dinamizador Sociocultural, Técnico de Juventude, Contador de Histórias de Lá e de Cá, que a paixão e o amor pelas mesmas cativaram. Filho de pais cabo-verdianos, nasceu em Angola por um acaso. Com apenas um ano de idade, viajou para Cabo Verde com os pais, obteve a nacionalidade cabo-verdiana. Vive atualmente em Portugal onde desenvolve uma atividade artista e cultural muito diversificada, desde a representação, contador de histórias, escrita, técnico de juventude, promovendo a integração e diálogo intercultural.

Adriano Reis iniciou a sua atividade artística entre os 17 e os 19 anos na Escola Salesiana, São Vicente e a partir daí tudo foi acontecendo naturalmente, deixando desenvolver dentro dele, aquilo que considera ser “*intrínseco à minha pessoa*”.

A sua carreira artística teve uma evolução progressiva, mas sobretudo, realça que foi e é “*uma luta diária*”. Mais do que um simples artista, é um homem polivalente. Desenvolve atividades como Técnico da Juventude, é ator, contador de “*Stória de Lá e de cá*”, Palhaço Crioulo e Animador Sociocultural. É também Formador, facilitador e dinamizador de atividades educativas não-formais e atividades

extracurriculares nas escolas, diretor Artístico do Aqu’Alva Stória - Encontro Internacional de Narração Oral da Lusofonia, e ainda, dirigente associativo. Considera-se “*um ser humano - um cidadão do mundo que vive para melhorar o mundo pela Cultura e a Educação Intercultural*”.

E é neste caminho e “*diálogo intercultural*” que tem vindo a trabalhar, a desenvolver a sua atividade, a educar e a promover a inclusão e integração através da diversidade cultural. Desde 2003, vive e trabalha em Portugal, transportando no coração, para onde se desloca, as suas vivências, experiências e sentimentos, dos seus países do coração.

Adriano Reis, não tem dúvidas em reconhecer que as suas raízes e influências africanas marcaram o seu percurso, o seu estilo e o seu conteúdo, considerando, no entanto, que todo o seu percurso, experiências, viagens e vivências, a partilha e in-

teração com os outros, têm também marcado e influenciado positivamente o seu percurso artístico, seja ao nível da representação, dos contos de histórias, da escrita ou em tantas outras atividades em que se envolve.





“O meio artístico é apaixonante, mas ao mesmo tempo não é um caminho fácil, para poder alcançar o sucesso e o êxito”. Não teve um percurso fácil, pois, foi de altos e baixos, mas afirma que é necessário sobretudo, muita determinação, resiliência, paciência, tolerância, persistência, perseverança, paciência, e muito, muito trabalho.

“Aquilo a que posso chamar de sucesso no meu percurso, é fundamentalmente o resultado de muito trabalho e dedicação e uma entrega muito grande à paixão por aquilo que faço”

Assume que é extremamente importante a promoção e desenvolvimento das artes e da cultura em cada país, pois, considera ser *“o alimento da alma e a identidade de cada país”*. É um trabalhador independente, desenvolve projetos de “diálogo Intercultural” , em parceria e com o apoio da Direção Regional das Comunidades nos Açores e apoiado também, pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, através do Projeto de recolha oral, “Bebi na Fonti”, entre outros. Mas considera que cada país deve ter políticas públicas de apoio à cultura e aos artistas.



Confidenciou que chegou a Portugal com um grande sonho: pisar o Teatro D. Maria II, participando numa peça de teatro. Desenvolveu um percurso de vários anos enquanto ator e conseguiu cumprir o seu sonho em dezembro de 2009 com o encenador Cândido Ferreira. O seu trabalho como ator não ficou por aí e agarrou a oportunidade de subir ao palco junto de grandes encenadores portugueses e participando em diversas peças de teatro, cinema, telenovelas, séries de televisão e espaços publicitários.

Em relação ao domínio da língua portuguesa, tem vindo ao longo dos anos a aprimorar e melhorar, sobretudo, ao nível da escrita, pois, ainda tem bastante vincada a influência das suas raízes africanas.

Falou-nos claro da pandemia, um período nada fácil para ninguém, mas sobretudo para os artistas, com um início de um novo ano a deixar antever que a situação ainda está para durar. Tem passado por algumas dificuldades e apesar de alguns apoios



temporários da Segurança Social, que acabam por ajudar um pouco, está ansioso que tudo volte ao normal, para poder voltar ao seu ritmo de trabalho.

Para 2021, tem muitos projetos em mente para desenvolver, embora esteja receoso e com incertezas do futuro próximo face à pandemia que continua a limitar-nos na ação e na programação a médio e longo prazo. No entanto, revelou-nos alguns dos projetos que tem em cima da mesa, nomeadamente, a publicação de Brochuras de Contos e recolha da tradição oral. Neste momento, o maior sonho de Adriano Reis, é alcançar a sua estabilidade pro-

fissional, face a esta incerteza constante por causa da pandemia, que segundo ele *“tem matado um pouco os nossos sonhos”*.

Para finalizar, Adriano Reis quis deixar uma pequena mensagem aos artistas do mundo, afirmando vincadamente: *“Temos de ser fortes e resilientes, nos adaptar a esta nova realidade e reinventarmo-nos. É este o caminho!”*.

Fica aqui o muito obrigado por parte da Descendências Magazine pela sua colaboração e partilha connosco e desejar ao Adriano Reis os maiores sucessos para o seu futuro artístico e profissional.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

| AMBIENTE

Hibridização

O Novo Paradigma das Energias Renováveis

O termo diversificar nunca encontrou tanta aplicabilidade no sector elétrico. Em pleno virar do século, mediante pressões europeias e necessidades de equilíbrio da balança energética, Portugal foi um dos países pioneiros na aposta em fontes de energia renovável, nomeadamente eólica. Na altura muitas foram as críticas e desconfianças sobre a rentabilidade e a real transição para este tipo de fonte, recordo

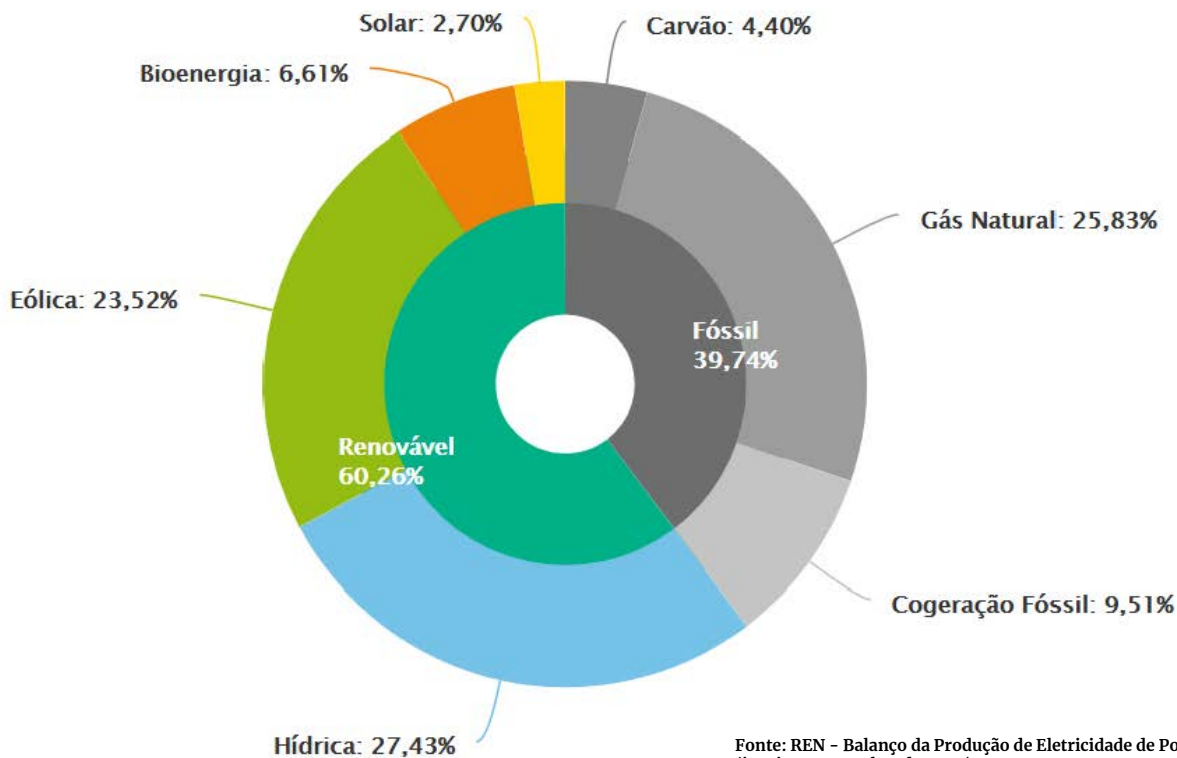
que assistíamos a um cenário onde o preço do carvão era relativamente baixo e o gás proveniente de países africanos espreitava à “porta” da Europa.

Atualmente, cerca de 1/4 da eletricidade consumida em Portugal tem origem eólica sendo possível com relativa segurança que se tratou de uma aposta acertada. A perspetiva nunca poderá ser baseada única e exclusivamente em aspetos económicos, ou seja, a introdução da energia eólica no mix energético permitiu uma diminuição drástica da produção de energia através de fontes convencionais associadas à queima de combustível. Facilmente podemos concluir que este investimento em tecnologia eólica teve

como principal “target” o cumprimento de metas ambientais em linha com as diretivas europeias. Até meados de 2018 em Portugal vários foram os projetos e pedidos de licenciamento por parte de diversos promotores para parques eólicos beneficiando de tarifas atrativas que permitiam rentabilidades financeiras interessantes.

Por forma a limitar o aquecimento global em 1,5°C – o limite considerado seguro pelo Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (PIAC) – é necessário atingir uma neutralidade carbónica até 2050. Este objetivo foi definido no Acordo de Paris, assinado por 195 países, incluindo Portugal.





A preconização deste objetivo levará a uma transformação ainda mais acentuada nos mais diversos sectores, com inclusão óbvia do sector energético. O sector energético português é caracterizado pela sua diversidade, no qual a geração de energia elétrica tem como principais intervenientes: Energia Hídrica (27%); Energia Eólica (24%); Carvão/Gás e Cogeração 40%.

A grande questão reside em “como eliminar estas fontes carbónicas do sector energético?” com as premissas de não colocar em perigo o sistema elétrico e sem custos incompatíveis para o consumidor.

No que concerne proveniente de fontes renováveis é possível constatar que o crescimento nos próximos anos não

contará com grandes projetos hídricos, recorro o enorme esforço financeiro associado à sua construção. O crescimento hídrico será residual sendo espetável que as empresas do sector apostem na eficiência dos seus ativos, isto poderá passar pela reconversão de unidades de Geração em Grupos com sistema e bombagem, ou por um aumento da flexibilidade de exploração de ativos hídricos existentes.

A energia eólica apresenta ainda margem de desenvolvimento em território Português, todavia carece de um esforço conjunto e encontra-se condicionada ao crescimento da Rede Eléctrica Portuguesa (REN). Atualmente a conjectura de mercado e os preços menos atrativos também condicionam a aposta por parte de promotores privados à instalação de novos Parques Eólicos.



Energia Solar

De uma forma sucinta a energia solar fotovoltaica é obtida utilizando a luz solar convertendo-a em eletricidade, utilizando uma tecnologia baseada no efeito fotoelétrico. Trata-se de um tipo de energia renovável, inesgotável e não poluente, todavia o seu desenvolvimento e aplicação envolve algumas condicionantes ambientais como “desmatamento de largas áreas” e barreiras físicas para algumas espécies animais. Desta forma a sua implementação deverá sempre envolver um estudo de impacto ambiental não sendo taxativa a sua aplicabilidade em todos os locais.

As denominadas centrais solares integram de forma básica três grandes componentes: Painéis fotovoltaicos; Inversores e Transformadores. A produção de energia eléctrica nas centrais fotovoltaicas depende da exposição solar, desta forma o seu funcionamento

estará condicionado a horas de luz 7h-20h. O pico de produção em norma é atingido pelas 12h-13h, recorde que durante este período os consumos são baixos. Desta forma existe a necessidade de integrar sistemas de armazenamento por forma a divergir esta produção para horas de maior necessidade.

Uma das formas de integrar energia solar minimizando custos e o impacto ambiental passa pela **Hibridização**, ou seja, é possível adaptar os atuais parques eólicos e combinar esta tecnologia com a energia fotovoltaica. Atualmente a maioria dos promotores Eólicos detém o uso dos terrenos sob forma de arrendamento, ou mesmo sob aquisição. O uso destes terrenos para fixação de painéis solares fotovoltaicos e integração destes nas subestações eléctricas construídas para o propósito eólico dispensa a construção de novas linhas eléctricas e per-





mite um reaproveitamento dos equipamentos elétricos existentes. Atualmente a DGEG – Direção Geral Energia e Geologia – na licença atribuída a um parque eólico que limita o valor máximo de Potência no ponto de entrega, esta solução híbrida “Eólica+Solar” permite uma maximização da Potência Total instantânea entregue à Rede Elétrica. Ora vejamos, em dias de menor índice de vento, será possível produzir energia elétrica num compromisso híbrido ou totalmente solar.

Desta forma e atendendo à conjectura de mercado e sinais legislativos por parte do Governo a aposta na energia solar será o próximo “step” na descarbonização, todavia do ponto de vista ambiental, a **Hibridização** deverá ser imperativamente colocada na mesa.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia

| COLUNAS DE OPINIÃO

Diáspora: há votos que valem mais do que outros

Não se sabe ao certo quantos Portugueses residem fora de Portugal.

Parece estranho, mas não se sabe. Sabe-se apenas que são muitos. Há quem fale em 5 milhões e recentemente, o Ministro dos Negócios Estrangeiros e das Comunidades Portuguesas, Augusto Santos Silva, disse que são quase 6 milhões.

Portugal é pois um povo espalhado pelo mundo. Até porque há Portugueses em praticamente todos os países. Destes Portugueses que residem no estrangeiro, há aqueles que foram obrigados a sair de Portugal à procura de melhores condições de vida, há aqueles que saíram por vontade própria - por vezes para formação, por razões profissionais ou até por amor - e há aqueles que nunca emigraram porque já nasceram no estrangeiro. Quem anda pelas Comunidades ouve muitas vezes dizer aos Portugueses que moram no estrangeiro que são tratados como "Portugueses de segunda".

Na maior parte dos casos ninguém dá importância a este tipo de afirmações. Os políticos, os diplomatas e certamente a maior parte de nós, acredita que não é verdade, que são afirmações

que ultrapassam a realidade e que são expressões próprias de quem está "de mal" com Portugal.

Mas quem tiver a inteligência de olhar com calma para a situação dos Portugueses residentes no estrangeiro, perceberá que há evidentes indícios de discriminação que saltam aos olhos de quem efetivamente é tratado como "Português de segunda".

Desde logo o "apagão" de que os Portugueses residentes no estrangeiro são vítimas nos órgãos de comunicação social em Portugal. É estranho que os tais 6 milhões de Portugueses residentes no estrangeiro não tenham notícia, salvo, de vez em quando, uma nota quando há um atentado em Paris, quando há um novo jogador português na Inglaterra, ou quando fazem subir uns pontos na abstenção, por exemplo nas eleições presidenciais.

O assunto é bem mais discriminatório quando sabemos como é tratada em Portugal, a informação sobre o mundo. Em Portugal fala-se mais do "mundo" do que propriamente em França, onde resido. Mas mesmo assim, consegue-se evitar falar dos Portugueses que residem... no mundo.

É como que 6 milhões de pessoas desaparecessem do mapa. Não existissem! Ignoram-se!

Depois também podíamos falar da forma como funciona a Administração portuguesa no estrangeiro. Se eu quiser tirar um Cartão de Cidadão, em Paris, no dia em que escrevo este texto, tenho de esperar pelo menos 6 meses para obter vaga de atendimento no Consulado Geral de Portugal em Paris. Esta não é uma situação normal na Administração de nenhum país, quanto mais na Administração de um país que considera importante as remessas dos emigrantes. Tanto mais que os serviços consulares são pagos pelos utentes!

Não é por mal que se deixa degradar os serviços consulares, mas sim por desleixe, que é bem mais grave ainda.

E se falássemos de deveres cívicos?

Nesta eleição do Presidente da República, os cerca de 1,4 milhões de eleitores no estrangeiro tiveram de votar presencialmente nos postos consulares. É uma das decisões mais estranhas que eu conheço. É como se em Portugal houvesse apenas uma mesa de voto para todo o país.

Para melhor ilustrar esta situação, basta perceber que um Português que reside na cidade francesa de Brest, se quis votar, teve de se deslocar ao Consulado Geral de Portugal em Paris que dista de cerca de 590 km. Ou seja, teve de percorrer 6 horas de carro para voltar e mais 6 horas de carro para regressar a casa. Um Português que reside na Guadeloupe, nas Caraíbas, teria de percorrer cerca de 9 horas de avião até ao Consulado de Paris para exercer o seu direito de voto.

Conhecem muitos Portugueses dispostos para percorrer tantos quilómetros para votar por candidatos que nem se dignam a vir fazer campanhas eleitorais nas Comunidades?

E a nossa representação na Assembleia da República?

Ainda há pouco tempo havia cerca de 300.000 eleitores recenseados nas Comunidades Portuguesas - porque nos dois círculos eleitorais da emigração o recenseamento não é obrigatório - e agora há 1,5 milhões de recenseados. Se

antes tínhamos 4 Deputados no Parlamento, agora continuamos a ter... os mesmos 4. Estranho, não é?

Em todos os distritos portugueses, o número de Deputados é definido proporcionalmente ao número de eleitores do círculo eleitoral. Por isso, que dizer do facto que no círculo eleitoral do Porto, com cerca de 1,5 milhões de eleitores, sejam eleitos 40 Deputados e no círculo eleitoral da emigração, com o mesmo número de eleitores, sejam eleitos... 4 Deputados? Não será discriminação?

O voto de um Português que reside no estrangeiro não tem o mesmo valor que o voto de um Português que resida em Portugal. Quem quer ousar desmentir-me?

Deixo agora duas considerações finais: A primeira para dizer que Diáspora é uma expressão que se aplica a um povo disperso em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica. Por isso, tendo em conta a

forma como Portugal discrimina alguns dos seus cidadãos pelo simples facto de residirem no estrangeiro, eu continuo a considerar que estamos, efetivamente, perante uma Diáspora!

A segunda, para dizer que, no caso português, apesar de discriminados, os cidadãos residentes no estrangeiro guardam uma relação muito forte com Portugal. E Portugal sabe disso. Por isso, é frequente ver vários Ministros juntos para debaterem as formas de captar o investimento dos emigrantes. Foi até criado recentemente, um Programa Nacional de Apoio ao Investimento... da Diáspora!

Pena que não haja a mesma mobilização para alterar as Leis eleitorais, uniformizando-as e aproximando-as dos eleitores.

Na minha humilde opinião, o país que organiza o *web Summit* vai ter de dar o passo e organizar, de uma vez por todas, o voto eletrónico.



Carlos Pereira
Diretor do LusoJornal



| LITERATURA PORTUGUESA

Aquilino Ribeiro

“Alcança quem não cansa” - I Parte

Não me escasseiam as palavras para escrever sobre Aquilino Ribeiro. Escasso é-me o espaço...

Aquilino Gomes Ribeiro, filho do Pe. Joaquim Francisco Ribeiro e de sua criada, Mariana do Rosário Gomes nasce às 13 horas do dia 13 de Setembro de 1885 na aldeia do Carregal, concelho de Sernancelhe. Da primicial década de sua vida nos deixa testemunho numa das tábuas do seu políptico autobiográfico “Cinco Réis de Gente”.

Vai de seguida dar continuidade a seus estudos no Colégio da Lapa, onde ingressa a 11 de Junho de 1895 aí ficando até 1900. A segunda tábua autobiográfica a retratar-nos o seu

adolescer em clausura surge-nos com o título “Uma Luz ao Longe”.

Seguem-se os estudos no Colégio da Roseira, em Lamego. “A Via Sinuosa” dá-nos esse ficcionado testemunho.

Em 1902 passa por Viseu a fazer Filosofia e em Outubro desse ano ingressa no Seminário de Beja, de onde é expulso em finais de 1903 por se ter revoltado contra a autocracia do prefeito, irmão do director, o Pe. Ançã.

Segue para Lisboa e inicia a sua carreira de jovem jornalista com colaboração em periódicos opositores ao regime monárquico vigente. Torna-se um fervoroso republicano e,



1885/1963

das fileiras da maçonaria e da carbonária, seu braço armado, destaca-se no ebuliente ambiente revolucionário lisboeta pelo activismo político e pelo seu desassombro.

Em 1907, no humilde quarto na pensão da Rua do Carrião, ao manipular engenhos explosivos com o dr. Gonçalves Lopes e o caixeiro Belmonte de Lemos, uma explosão vitima os dois companheiros. Aquilino salva-se e é preso incomunicável na esquadra do Caminho Novo de onde se evade pelos seus próprios

meios a 12 de Janeiro de 1908. É procurado por todo o país e, porém, está escondido a escasos 100 metros do Terreiro do Paço, na Rua Nova do Almada.

No dia 1 de Fevereiro de 1908 dá-se o regicídio que vitima o rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe. São principais autores o seu compadre Manuel Buíça e Alfredo Costa, abatidos no acto.

“Lápides Partidas”, “O homem que Matou o Diabo” e, de edição póstuma “Um Escritor

Confessa-se” completam o referido conjunto de obras autobiográficas.

Aquilino foge para Paris, para o seu primeiro exílio (1908/1914). Matricula-se na faculdade de Letras da Sorbonne e insere-se no meio boémio de então. Em 1913, a editora Aillaud & Bertrad publica o seu primeiro título, “Jardim das Tormentas”, com prefácio de Malheiro Dias e capa de Anjos Teixeira.

A 28 de Fevereiro de 1913 casa com uma jovem estudante alemã, filha de um banqueiro berlinense, Grete Luísa Maria Tiedemann. Nasce o seu primeiro filho, em Paris, a 26 de Fevereiro de 1914, de seu nome Aníbal Aquilino Fritz Tiedemann

Ribeiro, futuro juiz conselheiro.

Com o eclodir da Grande Guerra, Aquilino e a família regressam a Portugal, onde desde Outubro de 1910 está instaurada a República. Aquilino dá aulas de Português, História e Geografia no Liceu Central de Camões, em Lisboa, até 1918, ano em que ingressa como 2º bibliotecário na Biblioteca Nacional, a convite de Raúl Proença. É director Jaime Cortesão. Em 1921 nasce a revista Seara Nova cuja direcção integra. A sua produção literária e jornalística dá-lhe renome no mundo das letras.

A Revolução de 28 de Maio de 1926 instaura a ditadura militar. No ano seguinte participa na revolta militar de 7 de Feve-



reiro, que visa repor o regime constitucional de 1911. Aquilino é destituída das suas funções na BN e vê-se compelido ao 2º exílio, em Paris.

Entretanto, sua esposa adoece com a pneumónica. Aquilino regressa clandestino a Portugal a tempo de presenciar o seu falecimento.

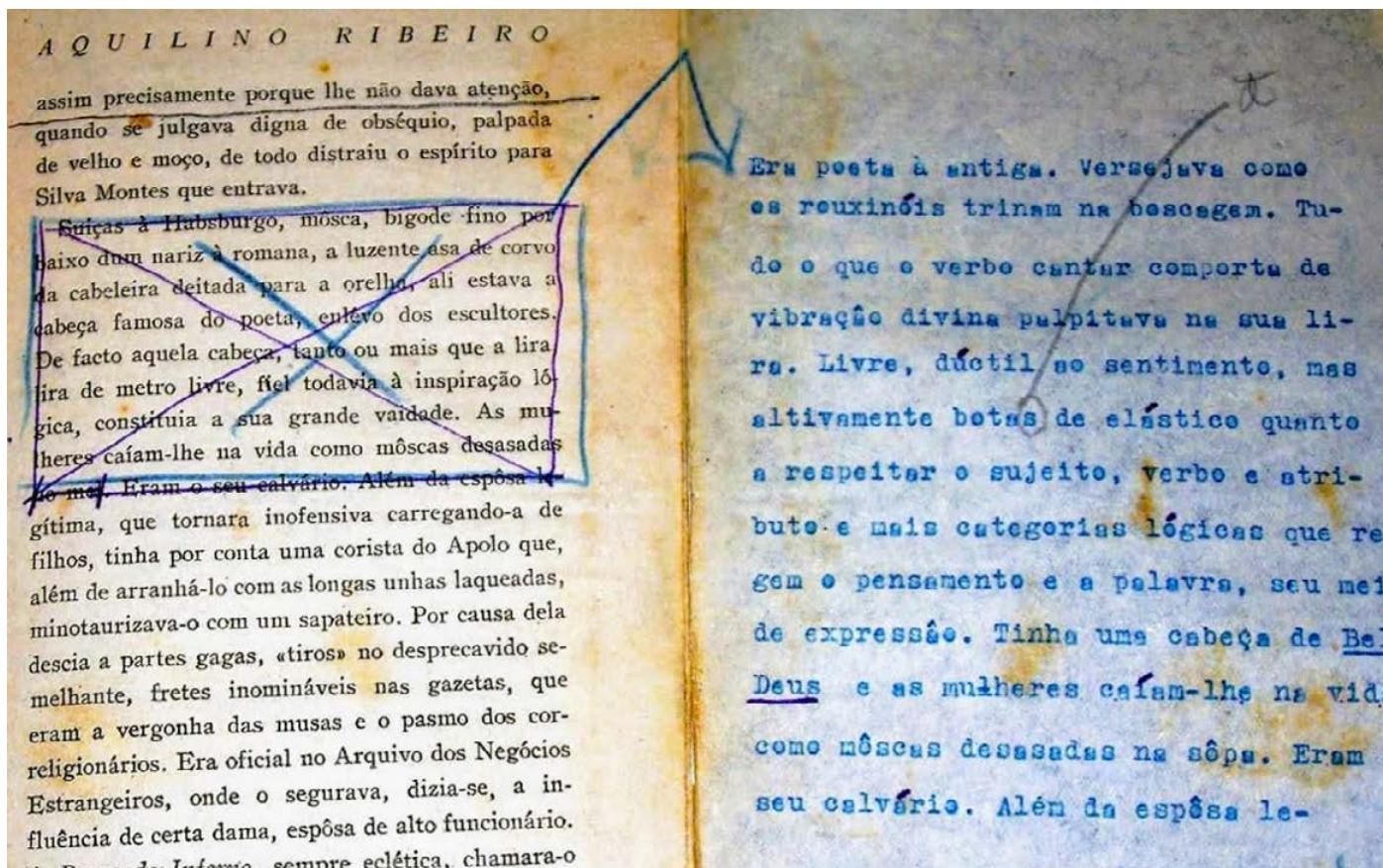
Em 1928, no decurso da Revolta do Castelo, Aquilino é de novo preso, em Contendas, Mangualde e conduzido ao presídio militar do Fontelo, conjuntamente com o seu amigo Dr. António Gomes Mota, médico, natural do Freixinho, Sernancelhe. Evadem-se rocambolescamente menos de um mês depois, fugindo a pé para Soutosa na noite de 15 de Agosto, dia da romaria da Sra. da Lapa.

Aquilino parte para o seu 3º exílio, em Paris, o qual durará até 1932 e no decurso do qual mantém uma intensa actividade política com outros revoltosos exilados.

Viúvo, casa em segundas núpcias, na capital francesa, com Jerónima Rosa Dantas Machado, filha do presidente da República também exilado, Bernardino Machado. Nasce o segundo filho, Aquilino Ribeiro Machado, em Beyris, Bayonne, 1930. Engenheiro de profissão, virá a ser o primeiro presidente da Câmara de Lisboa, pós 25 de Abril de 1974.

Em 1932 dá-se o regresso à pátria, tendo Aquilino sido amnistiado.

Escrevi na revista “aquilino” o texto que segue:



Provas

“Os exílios de O Homem que Matou o Diabo”

Aquilino não foi afeiçoado à brandura cortesã dos salama-
leques sedosos das tertúlias inconsequentes. Agreste como
o planalto da Nave no pino do Inverno, rijo como o milenar
granito musgado dos penedais da Lapa, tão atrido no seu in-
terno ‘Jardim das Tormentas’ quanto prenhe da mais debor-
dante liberdade na sua ‘Via Sinuosa’, Aquilino cai nos seus
braços para e tão a seu jeito, súbito, agir marcialmente pela
sua causa, contra toda a tirania, desigualdade, opressão... as
‘Lápides Partidas’.

Fê-lo contra a monarquia decadente e torcionária nas mãos
de João Franco tombada de 1906 a 1908. Fê-lo contra os re-
pressores da Iª e da IIª República.

Nesta sincronia de 1908 a 1932, nestes 24 anos de intensa
vida, Aquilino passa mais de um terço deles afastado de sua
terra, forçado a um exílio distante, degredado de seus afec-
tos. E porém, ‘matar o diabo’ é exorcismo e expressão que
bem se lhe molda aos actos, nos modos e na sua porfiada luta
até ao final, em 1963.”



Paulo Neto

Diretor da revista literária “aquilino”

| SAÚDE E BEM ESTAR

Síndrome de Fadiga Pandêmica



A Organização Mundial de Saúde (OMS) realizou um estudo que revela que cerca de 60% da população mundial já sofre do Síndrome de “fadiga pandêmica”.

Este síndrome pode definir-se como “um sentimento de sobrecarga emocional e psicológica, por nos mantermos constantemente vigilantes, e de cansaço, por obede-

cermos a restrições e alterações na nossa vida”.

Recordando que a Covid-19 “exigiu e exige de todos nós uma grande capacidade de adaptação”, o orga-

nismo ressalta que, agora, ao fim de dez meses de pandemia e sem um fim à vista, “é natural que nos possamos sentir menos motivados para seguir as orientações e os comportamentos de proteção, após tantos meses a viver com limitações, sacrifícios e incerteza”. Ou seja, em poucas palavras, é natural que “nos sintamos cansados e fartos desta situação”.

O Síndrome de fadiga pandémica é uma das consequências mais incómodas e inesperadas da atual pandemia. Estamos esgotados. E por muitos motivos. Um deles é o derivado da própria doença. Como comprovou uma pesquisa feita na Irlanda no segundo semestre de 2020, metade das pessoas que tinham contraído covid-19 apresentavam sintomas de fadiga física severa até 10 semanas depois de receberem alta médica. O vírus esgota. Mas não ficamos exaustos apenas por nos infetarmos; podemos nos sentir assim por outras causas.

A fadiga pandémica ocorre por diversos motivos. Um deles é consequência da excessiva vigilância contra o vírus,

que fatiga o nosso sistema hormonal e endócrino de maneira constante, tornando-nos mais vulneráveis a certos transtornos, como a ansiedade, stress e a depressão. Além disso, a situação económica e a incerteza que vivemos criam um desgaste acumulativo.

Aos fatores anteriores a OMS soma a privação de liberdade derivada dos confinamentos, as queixas e o tédio.

Apesar de existir uma convergência geral para este sentimento de fadiga pandémica, cada pessoa é afetada pela sua experiência pessoal, pelas suas emoções e pelas percepções que tem em relação à situação vivenciada e que podem estar relacionadas com vários aspetos, entre eles o estado de saúde (físico e psicológico, diretamente ligado ou não à Covid-19), o apoio social que recebe de familiares, de amigos ou da comunidade, as restrições aplicadas à sua área de residência e os fatores socioeconómicos (como a perda de rendimentos, precariedade laboral ou habitacional, etc.).

O cansaço “pode provocar indiferença”, porque a nossa percepção de risco relacionada com a Covid-19 pode diminuir.

Não é fácil perspetivar o futuro e lidar com as alterações frequentes das orientações das autoridades de saúde, à medida que também evolui o número de casos e as dinâmicas da pandemia.

O desemprego, a perda de rendimentos ou a deterioração das condições de vida são alguns dos exemplos que o organismo aponta como efeitos colaterais da pandemia “igualmente devastadores”.

“Apesar do cansaço, é preciso redobrar esforços para combater o vírus” e não podemos “baixar a guarda”.

“Os nossos comportamentos são críticos para conter a sua propagação e para nos protegermos a nós e protegermos os outros”. Contudo, é importante continuarmos a fazer a nossa vida, procurando “atividades que aumentem o nosso bem-estar e, simultaneamente, minimizar o risco em todas as situações em que nos encontremos”.



Vejamos algumas estratégias para praticar no nosso dia a dia:

1. Viver um dia de cada vez. Tente focar a sua atenção no Aqui e Agora. Use a respiração, inspire o ar e mentalmente conte até 7, sustenha a respiração por 4 segundos, depois expire devagar contando mentalmente até 7. Faça este exercício várias vezes ao dia. Vai ajudar a focar-se no presente.

2. Faça Meditação, procure no YouTube por vídeos acerca deste tema e escolha aquele com que se identifica. Pode ser uma meditação calma ou meditação dinâmica (dançar).

3. Evite falar constantemente da covid-19 ou do medo. Não significa negar a sua existência nem nos esquecermos do seu perigo, mas sim não alimentar mensagens que acen- tuem o desgaste psicológico e emocional da situação.

4. Higiene do sono, tente dormir 8 horas. Dormir estimula um bom funcionamento do nosso sistema imunitário.

5. Faça exercício físico, caminhar, dançar, correr...

6. Faça uma alimentação saudável, tente beber muita água com limão.

7. Aposte nos suplementos de Vitamina C e D.

8. Apanhe sol, 10 minutos por dia. Vá até à janela, varanda, passear o cão, etc.

9. Nutra o seu cérebro com música, bons livros, documen- tários...

10. Evite isolar-se socialmente, use as redes sociais para falar, faça videochamadas, faça cursos online, etc.

11. Faça uma gestão equilibrada da informação, veja um noticiário por dia e nada mais.

12. Distribua o seu tempo entre trabalho e lazer.

13. Peça ajuda caso precise, pode usar a plataforma da AILD, onde dispomos de um serviço de Psicologia online.

<https://aild.pt/consultas-de-psicologia>



Fátima Oliveira
Psicóloga Clínica e da Saúde

POESIA

Canção do Passeio Alegre

No inverno o vento está como deus

*Em toda a parte: na cabeleira
verde dos cometas, no extenso
e turbulento sono dos rapazes,
nos cegos fundamentos da alegria.*

*Peço-lhe que tenha piedade,
Que seja amável com os que não dormem
Debaixo da tenha, que sorria a quem
Regressa a casa a desoras – a boca
Amarga do fermento da tristeza.*

*À semelhança de deus, o vento
dança indiferente nas areias.*

Eugénio de Andrade – Os Lugares do Lume

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Casa de Louredo-Gerês



A Casa de Louredo-Gerês localiza-se em Louredo da Ribeira, na rua Trás da Eira, 77, 4850, Vieira do Minho. A sua construção data de agosto de 2012, num estilo vanguardista, aliando a qualidade ao conforto. Esta casa está implementada num terreno com cerca de 3000 metros quadrados, com diferentes áreas, onde se podem desenvolver diversas atividades, ao gosto de cada cliente.

O interior tem uma área de 200 metros quadrados, com quatro quartos, dois deles suítes. Os quartos têm vista panorâmica para a serra e/ou para a piscina, ostentando uma decoração muito moderna. Possui uma casa-de-banho comum, uma cozinha totalmente equipada, sala de jantar e sala de estar.

A cozinha encontra-se equipada com eletrodomésticos de topo, que possibilitam a preparação de deliciosos petiscos, para surpreender a família ou os amigos-hóspedes. A sala de estar, em tons claros, contrasta com a cozinha criando dois espaços distintos, num só. Aqui pode-se desfrutar de toda a paisagem envolvente, de um filme ou simplesmente ficar ao sabor da lareira nos dias frios de inverno ou de neve.

Existe também uma sala de convívio exterior, espaço este destinado para as diversões e jantares entre amigos. Neste espaço existe uma churrasqueira, lava-loiça e placa-vitrocerâmica, casa de banho e duche. Estes dois últimos servem também de apoio à piscina.



No exterior da casa pode-se usufruir de diversas zonas. Ao lado do espaço de estacionamento coberto existe uma pequena horta com produtos orgânicos. A piscina tem uns agradáveis 12 metros de comprimento e 5 de largura, com uma zona destinada a crianças pequenas, para que também estas possam beneficiar de muitos momentos de lazer e prazer. Esta área está coberta de relva, com um bonito jardim. Poderá descobrir pequenos jardins em cada recanto, de extremo bom gosto. No final do jardim existe uma zona lounge para relaxar e apreciar um livro, uma companhia ou apenas a paisagem.

Nesta grande área exterior é possível deliciar-se com uns mergulhos ou uns banhos de sol nas confortáveis espreguiçadeiras, ou ainda saborear uma magnífica refeição no churrasco e/ou desfrutar de uma bebida, enquanto aprecia o pôr do sol na área lounge, com uma fantástica vista sobre o rio, a Barragem da Caniçada e a serra. Ainda é possível apreciar a beleza natural do Parque Natural da Peneda-Gerês, que se encontra do outro lado da margem do Rio Caldo.

Ao alugar esta casa é garantido que pode usufruir da casa inteira, beneficiando de uma acomodação do tipo vila, limpa e higienizada, com jacuzzi, um dos poucos lugares

na região com esse recurso. Nesta época de pandemia, o anfitrião comprometeu-se com o cumprimento estrito das regras fundamentais de higienização, antes de cada estadia: higienizar todas as superfícies frequentemente tocadas, até a maçaneta das portas; utilizar produtos de limpeza aprovados por especialistas em saúde, como desinfetantes com álcool a 70% ou mais e a utilização de máscara e luvas, para evitar a contaminação cruzada.

As regras da casa não permitem animais de estimação, festas ou eventos, nem fumar. O Check-in é realizado após as 16:00; o Check-out às 11:00.

Esta casa oferece as seguintes comodidades - máquina de lavar; espaço de trabalho exclusivo, televisão, ferro de engomar, secador de cabelo, TV por Cabo, lareira interior, ar condicionado, wi-fi disponível em todos os espaços, jacuzzi, piscina, estacionamento gratuito nas instalações e um espaço onde os hóspedes podem preparar as suas próprias refeições.

O anfitrião, o Rui, muito atento a todos os pormenores, recebe os seus hóspedes de forma muito acolhedora e familiar, garantindo o frigorífico cheio de produtos locais.

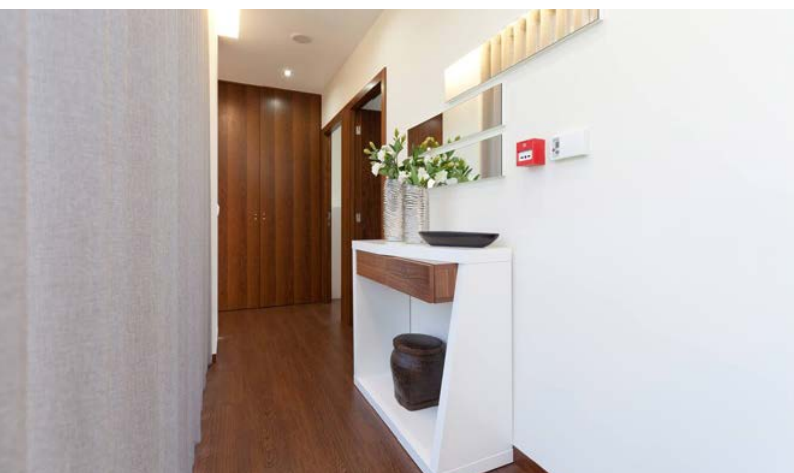
Se pretender ainda usufruir de algumas atividades que a região oferece, pode escolher um vasto conjunto de soluções de lazer, uma vez que estas são disponibilizadas em Vieira

do Minho, com caminhos por trilhos sinalizados, atividades náuticas, banhos em cascatas e piscinas naturais, escadadas, relaxamento em termas ou spas, entre outras.

Se, eventualmente, quiser conhecer o artesanato local, caracterizado essencialmente pelo trabalho em cobre, ainda hoje é possível encontrar algumas oficinas de artesãos que trabalham este metal. Existe também o artesanato de tecelagem e bordados tradicionais, bastante afamados, atividade que cresceu muito nos últimos tempos.

Se preferir degustar a gastronomia local, marcada pelos sabores rurais e serranos e pelo aproveitamento dos produtos da região, tem ao seu dispor pratos verdadeiramente tentadores e irresistíveis, como presunto e enchidos cozinhados com as Couves com Feijões, verdadeiro manjar tradicional que no Inverno recheiam as mesas do concelho de Vieira do Minho.

Outro prato afamado da gastronomia do concelho é a vitela assada no forno. A carne Barrosã (gado que pastoreia grande parte do ano nos pastos sempre verdes da Serra da Cabreira). Para completar o cardápio, não pode deixar de provar outras especialidades da terra que merecem ser destacadas, tais como: o Cabrito, o Borrego, os Barquinhos, as Rabanadas, o Leite-creme, o Pudim, não esquecendo o delicioso queijo e o inconfundível mel.





Para alugar esta casa é muito fácil, ficam os contactos:

Telemóvel - +351 917 930966

Email - info@casadelouredogeres.pt

www.casadelouredogeres.pt

Se quiser chegar lá sem dificuldades basta seguir as coordenadas GPS: 41.680306,-8.124389 .

Existem, pois, muitos motivos para visitar esta casa de campo, disponível todo o ano para alugar, se a pretensão for passar uns revigorantes dias de descanso, com a natureza mesmo ali ao lado e junto da família ou amigos. Em ambiente rural, é possível escolher entre montanha ou rio, ou simplesmente contactar com o que a natureza e o meio envolvente oferecem. Pode desfrutar de um ambiente maravilhoso, com aqueles que mais gosta, podendo escolher... Dentro ou fora de casa!

COM LUPA: LÁ FORA

Ayutthaya



A viagem prossegue proveniente da cosmopolita cidade Bangkok rumo a Ayutthaya, localizada a 80km a norte. O nome por si só, não despertaria muito interesse não estivessemos nós perante a antiga capital do império do Sião, fundada em 1350 após um êxodo do povo Thai “Thai – povo de ascendência mongólica e língua sino-tibetana” da China para o Sul, uma das cidades mais ricas da Ásia, essencialmente devido à sua localização numa ilha no centro do vale fértil do rio Chao Phraya.

Esta antiga capital estrategicamente colocada entre a China, a Índia e a Malásia, destacava-se pelo seu porto marítimo de comércio onde pessoas de toda a Ásia comercializavam artigos como madeira de teca, marfim, seda e artesanato. Calcula-se que nos seus tempos áureos Ayutthaya tenha atingido

1 milhão de habitantes, cerca de 1500 templos com 4 mil estátuas.

Os registos apontam para a chegada de Portugueses a esta expandida? capital em meados de 1511, com interesses na região nomeadamente em materiais como a seda, tendo, rapidamente, tentado uma presença sólida no comércio local. Todavia a presença e pressão birmanesa ao longo do tempo iria revelar-se devastadora para os intentos da coroa Portuguesa, ainda que existam testemunhos e documentos que apontam para a sua presença (quer em postos de grande relevo no exército na fronteira a norte (maioria), quer em serviço à família real, ou até mesmo em missionários/sacerdotes que difundiam o cristianismo pela região).

Este período áureo de Ayutthaya durou até 1767, tendo cul-

minado com a invasão do exército Birmanês. A cidade em tempos próspera foi saqueada, destruída por completo, inclusive todas as estátuas de buda foram decapitadas. A derrota foi tal, que a reconstrução neste local era completamente impossível. O reino do Sião parecia condenado ao desaparecimento, no entanto graças ao general sino-siamês Taskin que num golpe feroz derrotou os Birmaneses e sob a sua auto-proclamação como rei, fundou e estabeleceu a nova capital do reino na cidade de Thonburi, nas imediações de Bangkok. Atualmente, da cidade de Ayuttaya, considerada Património Mundial da UNESCO, restam apenas as diversas ruínas doutrora de uma cidade próspera.

A visita à antiga capital ocupa um dia completo e o seu acesso é facilitado através de comboio ou carro proveniente de Bangkok.

Chegando a Ayutthaya recomendamos a compra de um bilhete combinado para visitar os templos principais da cidade e percorrer a pé os antigos caminhos do império do Sião. Alguns dos templos destacam-se dos demais, contudo a cada muralha ultrapassada surge algo inesperado, este é o verdadeiro encanto da cidade outrora imperial.

Wat Yai Chai Mongkol

O templo mais conhecido da cidade construído entre 1290 e 1350, caracterizado pelo conjunto enorme de cabeças de Buda decapitadas aquando da invasão birmanesa. Destaca-se pela sua antiguidade sendo um dos templos, senão o templo mais antigo de toda a cidade. A história revela que Wat Mahathat era usado para cerimónias importantes da realeza. Atualmente é um dos templos mais bem cuidados da cidade, sendo





local de culto para muitos Tailandeses. Do ponto de vista turístico é aqui que encontramos a cabeça de um Buda entrelaçado nas raízes de uma árvore. Recordo que as regras locais impedem que se tire fotografias em pé junto a esta árvore, sendo considerado desrespeitoso para com Buda.

Wat Mahathat

Nas imediações do Wat Mahathat, o denominado templo da restauração foi construído pelo rei em 1424 como forma de um terceiro filho primogénito do rei, homenagear os seus dois irmãos falecidos na luta pelo poder. Considerado por muitos como um dos templos mais bonitos, no mesmo podemos observar diversas esculturas de Garudas “Figura mitológica Hindu” assim como cobras. Destaco ainda as criptas relativamente bem preservadas assim como a possibilidade de apreciar pinturas do interior de habitações que ainda permanecem intactas.

Wat Lokayasutharam

Relativamente distante do centro de Ayutthaya fica este templo cuja visita é imperativa, já que nele podemos observar um Buda Deitado com cerca de 42 metros. Após escavação arqueológica determinou-se que o mesmo terá sido construído no reinado cujo rei vos desafiamos a pronunciar o nome “Rei Nakharintharathirat”. Sendo um dos templos mais fustigados pelos terremotos e com danos elevados, o rei tailandês ordenou em 1954 a reconstrução da escultura do Buda. Atualmente é um dos maiores locais de culto Tailandês, visitado por milhares de locais e turistas.

A visita aos diversos templos continua até ao pôr do sol onde as cores e tonalidades mudam e Ayutthaya adormece num esplendor de outros tempos.

Para os mais criativos sugerimos que fechem os olhos e imaginem uma Ayutthaya viva, repleta de sabores e aromas, recheada de mercados e mercantes provenientes de todo o mundo.



Aconselhamos ainda a que façam as visitas no período da manhã devido às elevadas temperaturas.

Ao longo do trajeto serão certamente convidados a deslocar-se em elefantes, pedimos que rejeitem e não fomentem

este negócio que se aproveita e maltrata os animais. Todavia, sobre os Elefantes algo característico destas paragens falaremos na última paragem desta odisséia.

Próxima paragem, Cidade Rosa – Chiang Mai até já...



| SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

O vinho de Kant

A razão e a sensibilidade

O mundo dos vinhos está repleto de especialistas, técnicos e experientes que usam uma linguagem hermética, que têm opinião sobre tudo e que raramente têm dúvidas. E de tal forma assim é que a gramática portuguesa ficou mais rica, com o surgimento de uma nova expressão para descrever essas pessoas: os enochatos. Os enochatos são aqueles amigos que, nos jantares, não deixam ninguém falar enquanto não debitam toda a informação que recolheram sobre o vinho que eles próprios escolheram para, precisamente, poderem falar sobre o

assunto. São os escanções (ou sommeliers) que corrigem as escolhas dos clientes e lhes dizem que estão enganados no seu gosto pessoal. E são muitos produtores para os quais o seu vinho foi feito com toda a mestria e o dos concorrentes está carregado de defeitos.

Hoje, como na política, no futebol e no marketing das empresas, não faltam especialistas – alguns vazios de conteúdo, mas com uma volúpia que lhes dá lindas formas de afirmação social. Para muitos, o vinho mais não é do que um instrumento para se po-

sicionarem perante os outros. É claro que podemos debater: sempre que alguém utiliza expressões técnicas está a afirmar-se exageradamente? Claro que não. Do ponto de vista técnico há um conjunto de expressões que têm significados muito precisos e que ajudam os profissionais a comunicar melhor o vinho e tudo o que está por trás dele.

Discute-se muito sobre se a prova é objectiva ou subjectiva. Há profissionais com padrões diferentes. Há críticos internacionais que valorizam mais um perfil de vinhos do que os

outros. Mas também há críticos que pontuam os vinhos de forma muito aproximada quando o provam de forma cega, em circunstâncias diferentes. Significa isto que existem padrões estáveis de avaliação qualitativa, que dependem de factores variados: o equilíbrio entre componentes como a acidez, açúcar residual, estrutura ou pH; a elegância; a potência; a ausência de defeitos; a longevidade... Mas também é certo que para os consumidores, como vulgarmente se diz, “o vinho é bom quando nos sabe bem”. Os vinhos têm circunstâncias, têm momentos, têm uma envolvente que exige características próprias. Ninguém se lembra de pedir um vinho tinto cheio de estrutura, com muita extracção, fruta compotada e madeira quando está à beira de uma piscina.

Por incrível que pareça, na discussão entre a objectividade ou a subjectividade da prova de vinhos, o equilíbrio talvez resida em Kant. Entre os racionalistas (que têm uma justificação científica para tudo) e os empiristas (para quem é a experiência que permite desenvolver o mundo) há uma síntese que constitui um saudável meio termo. Como diria Kant, o vinho tem uma paleta cromática específica, é constituído por aromas particulares, apresenta uma textura própria, etc. Mas esse conteúdo só é cognoscível e faz sentido com a sensibilidade e as capacidades subjectivas do provador, que o enquadram por exemplo num tempo e num espaço próprio. O mesmo é dizer que não acredito em profissionais do vinho sem o entendimento, sem a razão que introduz conceitos; mas também não acredito em profissionais competentes sem sensibilidade, intuição e experiência pessoal.

Uma coisa é certa. Assim como Immanuel Kant foi disruptivo para a filosofia, também o sector dos vinhos precisa de abandonar estereótipos balofos. Precisamos cada vez mais de pessoas sérias, com fundamento técnico e com

um espírito aberto ao mundo, num mercado onde sobram profissionais e enófilos que já sabem tudo ou, pelo menos, sabem mais do que todos os outros.

Um exemplo? Há um par de meses fiz uma prova de alguns dos vinhos mais caros produzidos em Portugal. Nessa prova estava um *sommelier*-vedeta, daqueles que ditam as regras e têm seguidores. Esse *sommelier* caracterizou o vinho e sentenciou que um dos vinhos estava com *bret* (um defeito que, consoante a intensidade, provoca notas de couro, suor de cavalo ou até guache). Ao fazê-lo, interrompeu a prova: não tinha tempo para estar ali a provar aqueles vinhos. Ora, o “defeito” era acidez volátil (não era *bret*). E os vinhos também eram complexos, elegantes, frescos e mereciam ser provados com todo o tempo do mundo.

Uma crítica rápida pode destruir o trabalho de anos de um produtor. E ninguém nasce com tudo ensinado. Aliás, aqui estou com Sócrates (o antigo, claro): só sei que nada sei e, sabendo que nada sei, talvez saiba mais do que quem não sabe que nada sabe.

Produzir vinho pressupõe um conjunto de conquistas difíceis, sobretudo quando queremos produtores sérios, que deixam a Natureza trabalhar. Há anos que correm bem; outros que podem ser piores. Mas merece sempre respeito quem trabalha com foco na consistência e no longo prazo, com vontade de aproveitar a Natureza e transformá-la em algo melhor. Temos poucas pessoas disponíveis para fazer e demasiadas prontas a criticar. Definitivamente, o mundo dos vinhos precisa de mais filosofia: aceitando as dúvidas, respeitando os outros e, entre a razão e a sensibilidade, procurando incessantemente a Verdade. Não aquela Verdade que se impõe; mas a Verdade de espírito aberto ao mundo, que abraça a diversidade. Afinal, não é costume dizer-se que *in vino veritas*?



Pedro Guerreiro
Gestor



| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

A organização na cozinha

Uma cozinha é um espaço único, transmissor de sabores e identidades determinantes para a afirmação das culturas e das regiões. A sua gestão será por isso simples?

Temos tantas funções, todas elas decisivas para o desempenho e resultado final, que se torna imprescindível saber, verdadeiramente, qual o papel de cada pessoa interveniente. Desde o *Chef* até ao Copeiro, passando pelas vastas secções, fria, carnes, molhos e pastelaria, todos, sem excepção, têm a sua importância, que cabe sempre ser ressaltada.

Para a preparação, temos que ter uma lista bem definida e concreta, que nos guie para cada secção, de forma a sabermos sempre exatamente o que temos que cozinhar, e, dessa forma, assegurarmos com maior eficácia o serviço.

Além disso, uma regra que utilizamos é o “FIFO” – *First In, First Out*. O nome já evidencia a prática, os produtos são utilizados conforme a sua data de expiração e data de chegada, ou seja, primeiro os produtos mais antigos e depois os produtos mais recentes, por assim dizer. Uma coisa é certa, sem esta



regra, teríamos imensos desperdícios e não seríamos capazes de efetuar um controlo de *stock*.

Durante o serviço, podemos ter momentos com grande movimento, em que é fulcral pensar e dar resposta aos pedidos com maior rapidez, ainda que sempre, focados na excelência, e momentos de pouco movimento, em que é importante ter a noção de que há sempre algo para fazer. Num restaurante, temos que estar sempre a pensar um passo à frente. Se já temos o serviço assegurado, começamos a pensar na limpeza (porque sem um espaço limpo e organizado é impossível trabalhar) na preparação do dia seguinte, em novos pratos que poderíamos disponibilizar

aos clientes, novas disposições de mesa, etc.

Mas acima de tudo, o que é importante na gestão de um restaurante é a atitude. Ser positivo, empático e prestativo, para com os colegas e para com os clientes. O ambiente de um restaurante é fundamental e tem um impacto na própria comida, na minha opinião. Como é que poderíamos servir os nossos clientes, se não fôssemos capazes de sorrir com sinceridade e termos um sentimento de cooperação e uma equipa unida? O espírito com que encarámos o nosso trabalho, reflete-se, e é por isso, que sem dúvida a atitude é a raiz que suporta todos os outros.



Tiago Sabarigo
Chef Essência Restaurant/ Budapest



FALAR PORTUGUÊS

Qual é a origem de «avião»?

Num destes dias, cansados de estar os quatro em casa, lá fomos — em segurança — brincar um pouco ao pé do Tejo, ali para os lados de Belém. Enquanto sentíamos o sol na cara, pus-me a pensar no tema para esta crónica. De que falaria este mês? O Simão jogava à bola e o Matias, de dois anos, apontava animadíssimo para os barcos no rio, os comboios a passar — e os aviões a aterrar. Eu olhava para cima, intrigado com duas coisas: a felicidade que os meios de transporte trazem às crianças e a minha vaga comoção por ver os aviões, de novo, a passar por cima da cidade e a atrapalhar os ouvidos dos lisboetas.

Foi então que me veio a ideia: um avião... Não é mau tema para a crónica. Como já tenho feito noutras semanas, vou de viagem a bordo da palavra.

Ora, ao contrário de outras palavras cuja origem se perde nos quilómetros de conversas que ninguém registou, esta parece ter um certificado de nascimento com todos os carimbos. Fomos buscar a palavra ao francês *avion*, palavra que foi inventada por uma pessoa em particular: *Clément Ader*. O engenheiro francês criou vários protótipos de máquinas voadoras, a que chamou, sucessivamente, *Éole*, *Avion II* e *Avion III*. Mais tarde, a Força Aérea francesa pegou no nome próprio *Avion* e transformou-o no nome comum *avion*. Assim nasceu a designação destes pesados mecanismos aéreos. A palavra lá nos chegou do francês, prontinha a ser modificada com o portuguesíssimo e difícil ditongo «-ão». Mantemos em paralelo a palavra «aeroplano», reelacionada com a inglesa «airplane».



Avion III de Clément Ader

Clément Ader é um dos pioneiros da aviação. Conseguiu levantar voo numa das suas máquinas, mas o voo não foi controlado. Imagino que ainda haja quem o considere o primeiro a voar com uma máquina mais pesada que o ar. Se formos ao Brasil, também encontraremos quem refira Santos-Dumont como o inventor do avião. Como sabemos, os Irmãos Wright mantêm-se nas enciclopédias como os verdadeiros inventores de um avião capaz de voar.

Na verdade, se todos estes pioneiros se encontrassem hoje, vindos dos céus onde andam a voar, conversariam como colegas, entusiasmados com os desenvolvimentos que não chegaram a conhecer. Muitas invenções são fruto não só do engenho individual, mas também da acumulação de conhecimentos técnicos. Mesmo as falhas vão contribuindo para sabermos o que resulta e o que não resulta. A certa altura, parece que muitos ficam numa posição em que basta dar um pequeno passo. Quem efectivamente o dá é uma ques-

tão de coragem e talento — mas também de alguma sorte. Enfim, a palavra *avion* também parece ter sido inventada do nada por Ader, mas foi criada com base na palavra latina *avis*. Também as palavras parecem dar grandes saltos, mas são quase sempre fruto da lenta acumulação de usos colectivos, palavras antigas com novos significados, vagas conotações destes ou daqueles sons... Quando precisamos de uma palavra nova, olhamos em volta e vemos o que se dizia antes, o que dizem os vizinhos — e por vezes a invenção surge sem ninguém dar por isso, naturalmente, sem que se registre o inventor. É assim com quase todas as palavras que usamos. Por acaso, o nome que damos ao extraordinário bicho que entusiasma o meu filho ao descer, majestosamente, pelos céus de Lisboa, tem mesmo um pai. Mas as palavras libertam-se dos donos: todos as usamos sem prestar contas a ninguém.



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

LEGAL

Implicações legais de viver fora de Portugal

info@abreuadvogados.com
<https://abreuadvogados.com>



Hoje em dia a emigração portuguesa está longe de ser o que foi em tempos. Por um lado temos uma comunidade com mais formação académica, que emigra para ocupar “altos cargos” em multinacionais. Por outro, é uma comunidade que emigra por períodos menores, com uma agenda precisa, uma data de ida e uma de volta. Uma comunidade que não se fica por um único destino, são vários os países por onde passam e por onde se enraízam, ainda que provisoriamente.

Essas movimentações têm, entre outras, implicações legais, pelo que há cuidados que devem ser tidos em conta para quem sai de Portugal e se instala num outro país.

A - Passaporte

A primeira exigência é a necessidade de um passaporte com data de validade superior a 6 meses, o ideal é que o passaporte seja novo, pois evitará ter que se pedir um novo e juntá-lo ao antigo no qual consta impresso o visto de trabalho.

B – Inscrição Consular

A inscrição Consular é uma das primeiras coisas a ser tida em conta quando se chega a um país estrangeiro. Não é obrigatória a sua realização (é um ato voluntário) mas é importante pois através da inscrição consular é possível localizar os cidadãos portugueses espalhados pelo mundo, por exemplo, para efeitos de resgate em catástrofes naturais ou sociais.

A par do referido, a inscrição consular é, ainda, necessária para a prática de atos consulares e obtenção de certos documentos, tais como, renovação de cartão de cidadão, passaporte, pedido de certidões, elaboração de procuração, etc...

Documentação necessária para a inscrição consular:

- Cartão de Cidadão ou passaporte válido.
- No ato da inscrição é necessária a presença do cidadão nacional a inscrever para confirmação da sua identidade.
- Excetuam-se os menores de 10 anos, os quais podem ser inscritos a pedido dos seus legais representantes, que têm que estar presentes

C – Recenseamento

Outro aspeto importante que deve ser acautelado, por forma a que os cidadãos possam exercer todos os seus direitos na plenitude, nomeadamente o direito de voto, é o recenseamento.

Por regra, aquando da inscrição consular, os cidadãos maiores de 17 anos, devem promover o seu recenseamento, sendo que nalguns postos consulares aquando da ins-

crição consular ficam oficiosa e automaticamente inscritos no recenseamento eleitoral;

Outra das formas de se efetuar o recenseamento é quando esses mesmos cidadãos sejam detentores de cartão de cidadão com morada no estrangeiro, sendo o processo automático.

- Residência Fiscal

O País que tem competência para tributar o cidadão, enquanto residente fiscal, é aquele onde este passa mais de 183 dias por ano, ou seja, mais de metade do ano. Logo, no caso de um cidadão que vá para o estrangeiro para trabalhar é essencial que comunique à Autoridade Tributária a sua alteração de residência fiscal.

Mais importante ainda, quando essa mudança de residência fiscal permite ao cidadão (decorrido um período de 5 anos como não residente fiscal em Portugal), no seu regresso, beneficiar do regime de residente não habitual.

- Segurança Social

Antes da mudança para o País de destino é importante informar-se sobre a existência de acordos entre a Segurança Social de Portugal e do País de destino.

Por exemplo no caso do Brasil – existe um acordo que abrange de forma igual nacionais portugueses e brasileiros e também nacionais de outros países que tenham contribuído para a segurança social em Portugal e no Brasil, equiparando-os no que se refere aos direitos e deveres em matéria de Segurança Social. O acordo visa coordenar os benefícios ao abrigo da legislação dos dois países.



Mafalda Martins Lourenço
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

Um novo Shot Tax Relief?

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

Em abril do ano transato, aquando do primeiro confinamento, sugeri a criação de um novo imposto temporário (<https://expresso.pt/opiniao/2020-04-09-Novo-Euro-pean-COVID-Shot-Tax->). A ideia era a de inverter o sentido ascendente da nossa dívida pública a pagar pelas gerações vindouras, num país já demasiadamente endividado, e a de permitir o financiamento das inevitáveis despesas decorrentes desta pandemia.

A sugestão que apresento agora, a propósito deste segundo confinamento, é para atenuar rapidamente as suas consequências junto de um tecido empresarial moribundo, mas ainda resiliente: a de o Estado, de forma direta, imediata e bem mais transversal, em complemento de moratórias e layoffs e outros programas de apoio que certamente (re)ativará, através de subsídios e de despesa direta, abdicar, simplesmente, do pagamento de parte das retenções na fonte sobre o tra-

balho, dependente e independente, efetuadas pelas empresas em dezembro passado e que terão de ser pagas até ao próximo dia 20 de janeiro.

Claro que os trabalhadores destas empresas beneficiadas manteriam o direito ao crédito do IRS a deduzir no ano seguinte. E claro que a medida ficaria sujeita à condição da manutenção, até ao final do corrente ano, de todos os postos de trabalho, dependente e de trabalho independente (pelo menos com carácter de permanência, assim se aplicando a falsos e verdadeiros recibos verdes) que foram sujeitos à retenção do imposto na fonte não entregue.

Pena é que não haja dados atualizados, nem desagregados, disponíveis e que a Administração tributária não os divulgue ainda. E pena é também que o Governo não se tenha mostrado já disponível para flexibilizar o pagamento em prestações das retenções na fonte.

Mas não estará, agora, recetivo a

refletir sobre a nova medida?

A medida abrangeria tendencialmente todo o tecido empresarial português, direta e imediatamente - agora transversalmente, Mas deveria abranger, tão-somente, as empresas privadas e do sector social e cooperativo. Nem o Estado, nem as empresas do perímetro público comungam do mesmo racional que a justificarão à medida.

Seria um novo benefício, um perdão, automático e decorrente da lei, não dependente de reconhecimento administrativo. Temporário e com prazo predefinido. Não dependeria, nem de decisões administrativas, pontuais e concretas, nem de procedimentos administrativos burocráticos (por vezes fraudulentos), que não atingem facilmente, muitas das vezes, empresas sem assessoria técnica e profissional adequada.

Que tal, desta vez, utilizarmos a via da receita cessante ...enquanto esperamos pela “bazuca” europeia?



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Oráculo de Delfos

Na Grécia, há cerca de 2500 anos, os Oráculos de *Delfos* recebiam gente poderosa, ilustre, desconhecida e até estrangeiros para obter conselhos para todo o tipo de problemas, grandes, complexos de ordem nacional e internacional, mas também as pequenas questões do cidadão comum.

Os conselhos obtidos impressionavam tanto os que deles beneficiavam, que todos os povos mediterrâneos, incluindo os Romanos e os Egípcios, também a eles recorriam.

Este respeito e consideração deveriam ser dados aos contabilistas certificados atualmente, pois são eles que melhor conhecem uma sociedade tanto ao nível micro como macro. Qualquer decisor numa sociedade deveria ouvir o seu contabilista para obter conselhos que serão decerto bem mais fiáveis que os de Delfos.

Muitos empresários não têm a ideia do que perdem por não dar a devida atenção ao seu contabilista.

Por exemplo, na hora de negociar os

vencimentos com os seus colaboradores, muitos não se lembram de obter conselho, e transmitem os dados aos advogados para o contrato de trabalho ser redigido. Mesmo nesta situação tão simples, o empresário pode perder e muito por não ter consultado o seu contabilista. Se o tivesse consultado, teria obtido a informação de que existem componentes dos salários que estão sujeitos a IRS e a TSU (segurança social), outros somente a IRS e outros somente a TSU. Portanto, a definição do modo como se fixa o salário tem um impacto sobre os custos totais para a empresa e sobre a remuneração líquida para o trabalhador.

Pensando na atividade da empresa e na sua viabilidade, o contabilista aconselharia que o vencimento tivesse uma componente fixa e outra variável para que a sociedade tivesse uma estrutura de custos mais flexível, por outro lado, esta variável serviria de incentivo a todos os trabalhadores para que a sociedade tivesse bons resultados.

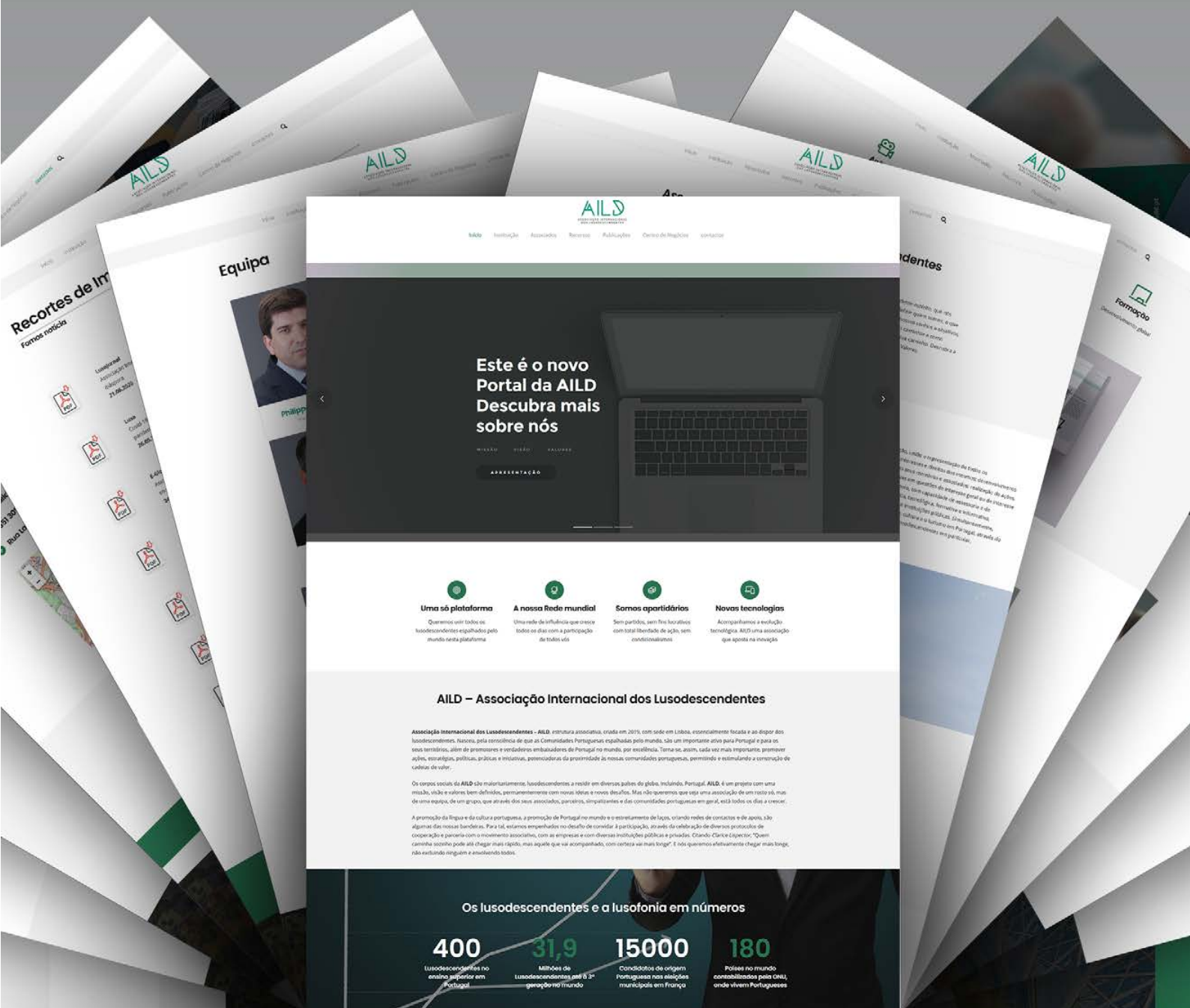
Não existe profissional mais multifacetado que o contabilista, este deveria acompanhar todos os dossiers vitais para a sociedade, de modo a dar o seu precioso contributo. Uma vez tomada a decisão já só se pode minimizar as consequências negativas e limitar os danos.

Um contabilista concentra em si todas as informações de uma sociedade, a presente e a passada, dificilmente alguém está em melhores condições para lidar com o futuro. E estará em melhores condições se tiver meios materiais e humanas adequados para desempenhar o seu exercício, e acesso a expertise de outros profissionais que complementem o seu trabalho.

Em *Delfos* ninguém pretendia obter conselhos gratuitamente, por isso não hesite em cobrir o seu contabilista de ouro e prata, e em caso de dúvidas não deixe de falar com um contabilista certificado, não vá perder um oráculo que pode mudar a vida da sua sociedade para sempre....



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



A plataforma para unir
 todos os lusodescendentes
 AILD.PT

OFEREÇA UM MELHOR FUTURO À SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35 2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO